



VIDAA
ADMIRÁVEL
ESCOLA

LURDES PRATAS NICO
BRAVO NICO

© José Bravo Nico e Lurdes Pratas Nico

Título: Vida: a Admirável Escola

Autores: Bravo Nico e Lurdes Pratas Nico

Design e Paginação: Márcia Pires

Impressão e Acabamento:

Edição dos autores

ISBN: 978-989-8655-75-2

Depósito Legal:

Évora, Novembro de 2016

Nenhuma parte desta publicação pode ser transmitida ou reproduzida por qualquer meio ou forma sem a autorização prévia do editor.
Todos os direitos reservados por Bravo Nico e Lurdes Pratas Nico

ÍNDICE

Prefácio	7
Margarida...	9
0,1%	10
(Re)Criar o futuro...	11
Estou pior, muito obrigado!	13
40 anos depois...	15
Diferentes formas de entender a liberdade	17
Sorriso alentejano...	19
À D. João V...	20
Educações	22
Sejamos algo!	24
Como aprendemos...?	25
As escolas fora da escola	27
Zeus	28
Amigo do amigo?	29
Até sempre, camarada Filipe Benjamim!	30
“Está lá...”	32
Inovação em Educação no Alentejo	34
João, Cláudia e Salvador...	36
Diário do Sul, com os pés bem assentes na terra!	38
Aprender, sempre!	39
Lambreta	41
Naufrágio	42
SMS	43
O exame de acesso à profissão...de político/a	45

Ai Jesus!	47
Jovens com (muito) valor!	49
Naquela sala grande...	51
Os guardiões...	53
Em consciência	55
Palavras... leva-as o vento	56
Visita da imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima pela vila de São Miguel de Machede	58
Os mestres chocalheiros de Alcáçovas	59
Évora tem vida!!	61
2016 Já chegou!	62
Margarida, "A Presidenta"...	63
Será assim tão difícil?	65
"A rádio é como uma janela"	67
Rede de educação popular no Alentejo	69
Rota Vicentina	71
Bouça-Cova	72
Presidente da República em aula de Educação Popular na Universidade de Évora	74
"Só Neste País..."	76
Os sonhos em São Tomé e Príncipe.... (parte I)	77
Cultura Santomense (parte II)	79

PREFÁCIO

Re-Criar o futuro

A autora deixa-nos presente, nos seus textos, agora reunidos nesta colectânea, a sua preocupação pela Educação.

O presente e o futuro da nossa região (Alentejo) está na Educação. Esta é a ideia base que Lurdes Pratas Nico incute nestes seus/nossos textos.

A *“Inovação em Educação no Alentejo”*, *“Aprender Sempre”*, *“Rede de Educação Popular no Alentejo”* ou *“Presidente da República em aula de educação na Universidade de Évora”*, são bons exemplos da sua preocupação pela Educação.

Mas, Lurdes Pratas Nico não se fica por aí e leva-nos a acreditar no futuro do Alentejo, como especifica nos textos *“Os Mestres Chocalheiros de Alcáçovas”*, *“Margarida-Presidente”* ou em *“Margarida”*, nos quais reconhece a capacidade de luta, o idealismo e o empreendedorismo dos (jovens) alentejanos.

A liberdade, ou as diferentes formas de a entender, quando depois de 40 anos, somos convocados a explicar às gerações mais novas o que foi o 25 de Abril, são ideias expressas no prolongamento deste livro.

Também Lurdes Pratas Nico nos debita milhares de palavras e, felizmente, todas elas perceptíveis e com sotaque alentejano.

Paulo Piçarra



MARGARIDA ...

– *Não se lembra de mim?*

Parei-me a olhar aquela cara, o brilhinho dos seus olhos e disse-lhe:

– *Claro que sim...!* – respondi

– *Sou eu Prof.ª ! A sua aluna, a Margarida!* – retorquiu.

Ainda que mantivesse os traços principais, o seu rosto estava modificado, pois cresceu e hoje já está uma (jovem) mulher! Quando eu a conheci, Margarida tinha apenas 8 ou 9 anos e era aluna numa Escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico, em Évora. Nesse ano, e já passaram mais de 11 anos, fiquei colocada naquela escola.

Hoje, a Margarida trabalha numa superfície comercial, em Évora. Contou-me – naquele dia em que nos voltámos a encontrar – que não quis prosseguir mais os estudos e que tinha decidido trabalhar.

Talvez por coincidência, ou não, após aquele reencontro, um dia, em casa, enquanto organizava um “baú de recordações”, encontrei uma mala onde, habitualmente, guardo memórias. Uma dessas memórias tinha inscrita a seguinte mensagem: “*Oferta da aluna Margarida (..) – Évora*”.

A prenda era uma janela aberta com dois pássaros em acrílico. Fora guardada todos estes anos, com muita estima. Mais do que o objecto, é uma memória que faz parte das nossas vidas. A janela entendo-a como um espaço de novas possibilidades e de novos projectos; os pássaros, como o símbolo da liberdade e a capacidade de decidir... voar... de tentar definir um rumo que nos possa trazer não apenas uma fonte de sustento, mas a qualidade de vida que a Margarida e tantos jovens adultos como ela ambicionam, de preferência em Portugal, o país onde nasceram e onde gostariam de continuar a viver e a trabalhar e, quem sabe, um dia, retomar projectos inacabados ou interrompidos.

Faz-nos bem (re)viver estes acontecimentos e deles sentirmos uma nostalgia... de um tempo e de um lugar onde sentimos que fomos felizes e onde também sabemos que procurámos, através do trabalho docente e da aprendizagem, promover a realização e a felicidade dos nossos alunos.

Agora “trago” a memória na minha mala, no intuito de me reencontrar com a Margarida e mostrar-lhe aquilo que ela me oferecera, com tanto carinho, há mais de uma década...

0,1%

Nos últimos Censos de 2011 publicados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), verifica-se que a taxa de analfabetismo (população com dez ou mais anos que não sabe ler nem escrever) no país reduziu. Em 2001, Portugal apresentava uma taxa de 9,0% e, em 2011, esse valor decresceu para 5,2% (499 936 indivíduos). De facto, os números mostram-nos, numa leitura imediata, que tem ocorrido uma redução gradual do número de pessoas que não aprendeu a ler nem a escrever. Por género, constata-se que a taxa de analfabetismo atinge muito mais as mulheres (6,8%) do que os homens (3,5%).

Assistimos, contudo, a disparidades regionais significativas, quando comparamos os valores da taxa de analfabetismo por região, em 2011. Assim, no Alentejo, a taxa de analfabetismo quase duplica (9,6%), quando comparada com o valor que se regista no país (5,2%). A região onde essa taxa é mais baixa é Lisboa (3,2%).

Que bom seria se pudéssemos concluir que esta redução demonstrada pelos números do INE se tinha devido a políticas educativas que promoveram o direito das pessoas à educação básica (competências básicas de leitura, escrita, cálculo e de tecnologias de informação e comunicação). No entanto, e infelizmente, o facto de haver menos portugueses que não sabem ler nem escrever não foi o resultado directo de acções de alfabetização, mas resultou do facto de as pessoas irem morrendo...ou seja, a taxa de analfabetismo reduziu em resultado de uma consequência natural e que decorre do ciclo de vida de cada um (morte) e não pela presença de uma resposta educativa, atempada e ajustada.

Este meio milhão de portugueses analfabetos estão vivos e têm o mesmo direito à Educação que qualquer outro português. O país não pode desistir destas pessoas, pois tem, para com elas, uma dívida histórica, traduzida numa questão que diria ser de justiça social.

Aproxima-se o próximo Quadro de Apoio Financeiro da União Europeia com cerca de 22 mil milhões de euros para gastar. ***Não haverá neste mar de dinheiro, uns 20 milhões de euros (que representariam apenas 0,1%) para pagar a professores desempregados (e há tantos) no sentido destes ensinarem aqueles nossos concidadãos a aprenderem a ler e a escrever?***

Que justiça seria feita e que felicidade se sentiriam com 0,1% do orçamento?

(RE)CRIAR O FUTURO...

A Marta é uma jovem Estilista/*Designer* e um exemplo de iniciativa, proactividade, criatividade, dinamismo e muita capacidade de resiliência.

Do que conheço da Marta sei que, desde sempre, gostou de moda, de desenhar os seus modelos e roupas.

Recordo-me de, há uns tempos, ter lido uma notícia acerca da Marta no Diário do Sul e, mais recentemente, no Verão passado, de a ver e ouvir num programa que a RTP fez em Évora, a partir do Jardim Público da cidade.

Da Marta, tenho um colar feito em cortiça, onde se evidencia o seu bom gosto e talento manuais. No Verão passado, contactei a Marta pelo Facebook, pois tinham-me oferecido um tecido vindo de Angola. Os tons quentes juntamente com o bom gosto da Marta dariam, certamente, uma peça de roupa diferente e original. O maior valor daquela peça seria sempre o valor imaterial traduzido pela circunstância de ser feito a partir das mãos de uma jovem Estilista/*Designer* do concelho de Évora, em concreto da freguesia de Azaruja.

Naquela altura, a Marta tinha em mãos uma tarefa muito importante e que queria concluir. Dizia-me ela: – “... até ao meio de novembro vou estar bastante ocupada com a entrega e a defesa do meu mestrado... e ainda estou em trabalhos prolongados...”

Ao que lhe respondi: – “Diga-me depois quando for melhor para si. Vi a Marta na televisão, no Programa RTP1. Gostei de a ver e aos seus trabalhos.”

Foram estas as palavras que trocámos em Julho/Agosto de 2013 (via Facebook que tem a particularidade de nos permitir recuperar estes episódios!).

A Marta é um exemplo do esforço bem-sucedido, mas ao qual é associado muito, muito trabalho. Através da participação em diferentes eventos e localidades, como na FIL em Lisboa, ou todos os anos, na Feira de São João em Évora, a Marta tem vindo a expor e a divulgar o seu trabalho junto do público e dos potenciais interessados.

Recentemente, a Marta deu mais um passo importante na sua vida profissional com a abertura do Atelier em Évora, na Rua de Frei Bráz, 36 e, também, no Facebook (*Tramadesign*).

Termino com as palavras que troquei com a Marta, via Facebook, a propósito do tal vestido de tons quentes de África...:

– *“É uma pessoa empreendedora de que o nosso Alentejo tanta precisa. Um bom exemplo a seguir por tantos outros jovens!”*

Felicidades para si, Marta Ricardo!

ESTOU PIOR, MUITO OBRIGADO!

A percepção que temos do que se passa à nossa volta é observada, de forma diferente, por cada indivíduo, em função daquilo que é, para si, efectivamente, importante ou que mais valoriza e que decorre das suas opções, valores, vivências pessoais anteriores e oportunidades criadas e vividas.

São essas mesmas percepções que, por vezes, não nos permitem observar a realidade tal qual ela se apresenta, pois os fundamentos com base nos quais se constroem as ditas percepções, são diferentes daqueles que constroem o quadro social em que as pessoas vivem.

Nas conversas de rua, quando falo com as pessoas, todas são unânimes em afirmar que vivem com mais dificuldades. Os mais velhos viram as suas pensões delapidadas, assim como os funcionários públicos, os seus vencimentos reduzidos, através de cortes sucessivos. O desemprego continua alto, atingindo, praticamente, todas as famílias, particularmente os jovens e muitos adultos que, perdendo o emprego que tinham, dificilmente conseguem encontrar nova oportunidade de trabalho. Aqueles que convivem de perto com essa realidade começam a não ter capacidade para responder a tanta solicitação.

O desemprego é, por isso, um dos indicadores sociais mais preocupantes. Perante isso, e conforme já tenho referido em textos anteriores, muitos jovens emigram, levando consigo a possibilidade de constituírem a respectiva família, terem a sua descendência que, provavelmente, nascerá e permanecerá, para sempre, fora de Portugal.

Não podemos querer mitigar ou atenuar os problemas da demografia (forte envelhecimento e baixa densidade populacional, sobretudo no interior de Portugal) e da natalidade (baixo número de nascimentos) se não olharmos de forma, muito pragmática para os problemas dos nossos jovens. Uma geração qualificada mas que se vê obrigada a redefinir a sua trajectória de vida, pessoal e profissional, fora do seu país.

Talvez fosse importante que os mais de 200 grupos de trabalho criados pelo Governo, nos últimos dois anos e meio, para estudar aquelas e outras questões, soubessem que os problemas não se resolvem com fórmulas matemáticas ou teorias importadas de outros países, estrutural, histórica e culturalmente, diferentes do nosso.

É preciso conhecer Portugal, saber como as pessoas vivem e como irão viver nos próximos tempos. Em 40 anos de Democracia, dizem os mais velhos, nunca se viu nada assim. Conseguiu-se, em tão pouco tempo, colocar em causa o que demorou décadas a construir. E, quando pergunto a essas pessoas se vivem melhor ou pior do que há dois ou 3 anos atrás, todas respondem que vivem pior. Contudo, o país parece que está melhor, diz-nos o nosso Governo. Os Portugueses é que nem por isso...

Tudo isto é, afinal, uma questão de percepção e realidade...Mas, nos nossos bolsos, os euros (a menos) não enganam ninguém...

40 ANOS DEPOIS...

Este ano, comemoram-se 40 anos da Revolução do 25 de Abril. Nasci depois dessa data e, portanto, não vivi esse acontecimento. As gerações anteriores, dos meus pais e dos meus avós, tiveram essas vivências. O meu avô materno, Joaquim Dionísio, nasceu em 1924 (completou, no passado dia 3 Abril, 90 anos idade). Catorze anos antes do meu avô nascer, deu-se a implantação da República, onde se conheceu um impulso muito forte na instrução popular (movimento de educação popular), com base nos ideais republicanos, valorizando-se a alfabetização das pessoas. Apesar desse impulso de desenvolvimento humano, o meu avô, nascido de uma família muito humilde e que sempre trabalhou no campo, não teve oportunidade de estudar, sendo, ainda, hoje uma tristeza que carrega consigo. Apesar disso, aprendeu a escrever o seu nome, com muita dificuldade, mas fá-lo com satisfação e orgulho.

Tudo isso seria, depois, colocado em causa pelo golpe militar de 28 de Maio de 1926 (tinha o meu avô apenas dois anos) pois, a partir desse acontecimento, viria a instaurar-se em Portugal um novo regime político (Estado Novo).

Durante aquele período, a escola não se constituiu como factor de mobilidade social, mas sim de manutenção da ordem social e do regime político da época. Isto era evidente na organização das classes, nas escolas primárias, nos manuais escolares e nos conteúdos vertidos nos mesmos, onde se promovia uma valorização dos ideais do Estado, com uma forte discriminação (sobretudo) das mulheres no acesso à educação. Foi por isso, que, em 1974, em cada 100 portugueses, 30 não sabiam ler nem escrever...

Chegou o 25 de Abril em 1974 (tinha o meu avô 50 anos), que nos devolveu a esperança e promoveu os ideais da liberdade, da igualdade e da fraternidade.

O meu avô viveu todos estes acontecimentos: nasceu na 1.^a República; cresceu num regime de ditadura e constituiu uma família com muito sacrifício; na década de 60 do século passado, havia de conhecer o fenómeno da emigração, como uma decisão que permitiu dar melhores condições de vida à família. Já quase reformado, viu Portugal aderir à então CEE, mais tarde, ao Euro e a tantas coisas mais.

O meu avô, e tantos portugueses como ele, ajudou a construir, com o suor do trabalho e a força dos seus ideais, um Portugal melhor, acreditando naquela esperança que veio com o 25 de Abril...

Nós, os mais novos, devemos saber receber este legado e lutarmos com todas as nossas forças para cumprirmos aquela esperança que é, simultaneamente, o nosso sonho. O sonho de todos os portugueses!

Aos nossos governantes (actuais e futuros) faço um pedido: não falem só de défice, da troika, da economia. Falem dos valores, da vida das pessoas, de nós, portugueses, enquanto POVO.

Principalmente, não nos matem a esperança.

Porque um país sem esperança, é um país em que as pessoas não têm futuro.

DIFERENTES FORMAS DE ENTENDER A LIBERDADE

Nas Comemorações dos 40 anos do 25 de Abril, foram várias as formas de comemorar aquilo a que designamos de ideais de Abril: Liberdade, Igualdade, Democracia...

Para alguns dos que nasceram depois da Revolução do 25 de Abril, talvez isso lhes diga pouco, ou pelo menos valorizam, de forma diferente, face aos que nasceram e cresceram privados desses mesmos ideais.

Uns comemoraram em família, outros nas instituições das suas terras, onde as Bandas de Música e as Associações desempenham sempre um papel importante no relembrar dessas datas.

Em São Miguel de Machede, há 16 anos foi criada a Suão – Associação de Desenvolvimento Comunitário de São Miguel de Machede, tendo por missão e base os verdadeiros valores de Abril: Liberdade, Igualdade e Fraternidade e a Solidariedade, emanados da Revolução Francesa de 1789.

Integrado no Programa do 25 de Abril, este ano, a Suão decidiu comemorar o 25 de Abril, como sempre fez ao longo da sua existência: reunindo as pessoas, num agradável espaço de convívio, de aprendizagem e de responsabilidade de todos: os jovens que têm de trabalhar para terem melhores resultados e, para isso, contam com o apoio da Suão, através das sessões semanais do Gabinete do Desenrascanço Estudantil (em estreita articulação com as escolas de Évora desses jovens, os seus pais, os monitores e voluntários do Gabinete); os mais velhos, através da sua enorme participação naquilo que mais gostam de fazer que é aprender no Curso de Educação Comunitária, com especial prazer nas áreas das tecnologias (computador, internet, facebook), das artes e na actividade física que é feita em Évora, todas as semanas.

Diariamente, são atendidos na Suão muitos micaelenses, que ali se deslocam para tratar de assuntos pessoais como os ligados a Finanças, Saúde, IRS, medicamentos, etc. Se não fosse este serviço, estes cidadãos teriam muito mais dificuldades em aceder a esses serviços /direitos básicos de cada cidadão: o direito à saúde, à habitação, à educação, à segurança social e à informação.

Nos tempos actuais, é de louvar o papel e o trabalho exercido por muitas instituições e pessoas que nelas trabalham em prol da melhoria da

qualidade de vida dos seus concidadãos. Se assim não fosse, de certeza que seria tudo muito mais difícil, ainda com menos qualidade de vida e muito mais injustiça social.

Ajudarmos quem mais precisa, num acto - não de solidariedade apenas - mas de justiça social, autonomia e auto-determinação. Não importa apenas atender, preencher os papéis e tratar das questões de forma isolada. Importa ensinar e ajudar a pessoa a ser capaz de tomar conta de si, informada e orientada, para poder, em momentos futuros, assumir ela esse papel.

Ao comemorarmos Abril, também nos devemos questionar o que esteve em causa e o que está neste momento: não podemos permitir-nos um atraso civilizacional, daquele que nos faça recuar aos tempos em que havia 30% de analfabetismo, do tempo em que só aqueles que tinham recursos económicos podiam estudar, da emigração em massa, da pobreza e do desemprego que nos tiram a esperança.

Querem que perguntemos cada vez menos e nos resignemos cada vez mais, como se tudo fosse inevitável e não houvesse outras alternativas...

O futuro não é uma inevitabilidade.

Não podemos, por isso, esquecer Abril...

SORRISO ALENTEJANO...

Há alguns dias, numa passagem por um hospital público de Lisboa, li, num cartaz afixado na parede, a seguinte mensagem: *“Sorrir para a Humanização”*, expressão que é o mote de um projecto de apoio à humanização dos hospitais.

Acabara de ler aquela mensagem e, ao dirigir-me recepção do dito hospital, fui atendida por um senhor, que fez tudo menos sorrir. Talvez não estivesse bem-disposto ou, quem sabe, teria regressado ao trabalho após o período de férias...

Como é habitual, o senhor perguntou-me os dados pessoais (nome, morada...) e, quando eu lhe disse que morava em São Miguel de Machede, ele nem me deixou acabar a frase e disse logo:

– *“Dos Açores...”*, pois associou a minha residência a uma das nove ilhas do Arquipélago dos Açores que é a ilha de São Miguel.

E eu disse-lhe: – *“Dos Açores não, de Évora, do Alentejo!”*.

De repente, o senhor sorriu e dali em diante seguiu-se uma agradável conversa em torno do Alentejo, pois o homem também tinha familiares e raízes no Alentejo.

É caso para dizer que o Alentejo induz nas pessoas um sentimento de felicidade e de alegria que se traduzem, quase sempre, num sorriso. Não admira, pois o nosso Alentejo é um território de gente boa, simpática, que sabe dar e receber e onde, ainda, é possível viver com segurança, qualidade de vida e muita proximidade entre as pessoas. E é a terra onde vivemos nós, os alentejanos...

Não há sítio por onde eu tenha passado que não haja alguém com ligações ao Alentejo, com raízes ou histórias passadas no Alentejo. E, em Lisboa, onde se passou aquele episódio, é uma evidência resultante da forte migração de alentejanos para a zona de Lisboa e arredores, nas décadas de 60, 70 do século passado, à procura de melhores condições de vida.

O Alentejo, com as suas gentes, tradições, turismo, gastronomia, bom acolhimento, cultura e arte tradicionais é mesmo um local muito agradável para se viver. Há dias, alguém dizia que quem vem ao Alentejo quer sempre regressar e na hora da despedida nunca quer “abalar”.

Quanto ao diálogo, lá se foi fazendo até ao momento em que nos despedimos com mais um sorriso mútuo daqueles que só os alentejanos sabem despertar nas pessoas...

À D. JOÃO V...

Todos os anos, a Suão – Associação de Desenvolvimento Comunitário de São Miguel de Machede organiza (pelo menos) uma visita de estudo que tem, sempre, duas componentes: a do convívio e a da aprendizagem.

No passado dia 11 de Outubro, organizou-se uma visita a Lisboa que tinha, no seu circuito, a passagem por três locais emblemáticos da cidade que é a capital do nosso país: o Museu da Cidade, a Fundação Amália Rodrigues e o Museu do Fado.

Para todos nós, Portugueses, o Fado é um tipo de canção que nos diz muito. Faz parte da nossa cultura e da nossa tradição. Quem não sabe o nome de um(a) fadista português(s)? Desde Amália Rodrigues aos fadistas mais jovens, como Carminho, Camané ou Mariza.

Quem visita a casa onde Amália viveu mais de 40 anos, tem a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a sua vida pessoal e, sobretudo, a vida artística. Numa vitrina, estão expostas as várias condecorações e os prémios que foi recebendo ao longo da sua vida. Amália foi uma grande artista. Até à sua morte, em 1999, foi quem mais e melhor soube divulgar o Fado e, através deste, levar ao mundo a cultura e a língua portuguesas. Doze anos após a sua morte, o Fado foi considerado, pela UNESCO, como Património Cultural Imaterial da Humanidade.

A complementar a visita à Fundação Amália Rodrigues, estava prevista a visita ao Museu do Fado que não se concretizou, devido ao tempo que se gastou no meio do trânsito caótico de Lisboa...ainda que fosse um Sábado... eram muitos os turistas pelas ruas da cidade.

Para quem vive no Alentejo, a vida agitada de Lisboa é estranha mas é uma cidade encantadora. Cheia de história, de encanto, verificável na visita guiada que tivemos no Museu da Cidade. Vale a pena lá ir. Dos vários retratos que lá existem, registei o de D. João V, cujo reinado foi um dos mais ricos da História de Portugal. Conhecido como um rei “gastador”, mandou fazer muitas construções na cidade, que viriam, muitas delas, a desaparecer com o terramoto de 1755. Outras resistiram e, ainda hoje, as podemos observar como acontece com o Aqueduto das Águas Livres.

Fica tanto por contar e outro tanto para conhecer...mas a história continuará a reescrever-se com tantos D. João V que continuam a existir no nosso país (a gastar, a gastar,...). Ao menos, o D. João V Rei deixou-nos alguma obra....

Nota: Um agradecimento especial à Câmara Municipal de Évora que nos facultou o autocarro, e ao seu condutor, o Sr. Luís, pela atenção e simpatia.

EDUCAÇÕES

Na passada segunda-feira, dia 10 de Novembro, realizou-se a apresentação pública do livro “EDUCAÇÕES NO ALENTEJO”, na Universidade de Évora. É a propósito desse título que escrevo esta semana. Como o próprio título indica EDUCAÇÕES no plural não é um acaso, mas um título escolhido de propósito, por várias razões:

1) Envolve diferentes âmbitos em que a educação se deve e pode concretizar, não apenas no plano mais formal, mas não formal e até informal. O lançamento de um livro é um contexto que propicia uma aprendizagem não formal, que não sendo certificada do ponto de vista escolar ou profissional, é socialmente reconhecida. Reconhece-se ali o valor que a educação tem no Alentejo, nos diferentes contextos em que uma aprendizagem pode ocorrer.

2) A educação implica, assim, considerar diferentes protagonistas, em função dos contextos em que ocorre. Escolas, centros de formação profissional, associações de desenvolvimento local, autarquias, empresas,...

3) A educação deve dirigir-se a todas as pessoas, independentemente da circunstância em que se encontrem, do ponto de vista social, económico, geográfico, cultural, tendo sobre o outro uma visão holística que, por outras palavras, significa saber “ler o mundo” em que aquela pessoa nasceu, viveu e se fez pessoa, dotada de valores e de características que lhe foram moldando a personalidade (ter esta consciência acerca do outro, é ajudá-lo a ter consciência de si mesmo, conforme defendia Paulo Freire).

4) É pela educação que as pessoas podem estar mais (in)formados, conhecedores e tradutores dessa realidade. Paulo Freire defendia, por isso, a ideia de que a educação não muda o mundo mas pode mudar as pessoas que vão mudar o mundo (ou pelo menos contribuir de alguma forma para que essa mudança ocorra). Nas sociedades mais ou menos desenvolvidas, esta ideia é uma evidência através por exemplo, dos rankings dos países com maior ou menor índice de desenvolvimento humano (IDH). A educação é, pois, um dos 3 parâmetros que influi no IDH, nomeadamente a taxa de alfabetização e de escolarização das populações.

Educações no Alentejo é um título de um livro que traduz as comunicações que foram apresentadas na última edição do Encontro Regional Aprender no Alentejo (que se realizou em Dezembro de 2012). Ao folhear o livro encontram-se 41 textos, distribuídos por sete temas, da autoria de 75 pessoas. Dei-me ao trabalho de verificar o número de localidades referenciadas nos textos e encontrei, no mínimo, 20 localidades diferentes, a maior parte localizadas no Alentejo.

Abri o livro ao acaso. Fui ter à página 130 onde está um texto da autoria de João Barnabé e Marília Favinha sobre a requalificação e modernização das escolas públicas de 1.º ciclo – um estudo de caso no Alentejo, por outras palavras fala-nos de uma realidade que atravessou não apenas o Alentejo, mas o país com o encerramento de escolas do 1.º Ciclo e a criação de centros escolares de nova geração. Também aqui este livro nos ajuda a compreender a tomada de decisão no campo político, no Alentejo, e as vantagens/desvantagens (ganhos/perdas) que essa mesma realidade possa ter trazido.

Em síntese, o livro Educações no Alentejo tem comunicações de diversa natureza, as que resultam de investigação científica feita nas instituições de ensino superior (das que estão no livro, grande parte são da Universidade de Évora) e as que têm um carácter mais empírico, fruto das vivências e experiências individuais.

De uma maneira, ou de outra, há um elemento comum: ajudar-nos a compreender a realidade, tendo como premissa base, o ideal de Coménio que aprendi a valorizar, há muitos anos, com o Prof. Manuel Ferreira Patrício. *“Ensinar tudo a todos, de todas as maneiras”*. O título, o conteúdo deste livro Educações e as oito edições do Encontro Regional Aprender no Alentejo, também reflectem esse ideal.

SEJAMOS ALGO!

No passado mês de Maio, realizou-se na Universidade de Évora, a VIII edição do Congresso *Aprender no Alentejo*. Nele, participaram mais de 100 pessoas, nos dois dias do encontro. Tive oportunidade de participar, como membro da organização, e foi uma honra termos tido a oportunidade de ouvir a conferência proferida pelo Prof. Manuel Ferreira Patrício, que nos falou do lugar da educação e da cultura no Alentejo. Começou por afirmar “*Vivemos obsessivamente para ter*”, questionando a plateia sobre: “*Ter ou Ser?*”. O **SER** sobrepõe-se ao TER; o TER assume um fim instrumental, cabendo, no seu pensamento, à Educação o papel de construir o **SER**.

Fiquei a pensar no **SER**...

O **SER** convoca-nos para a análise dos valores e das atitudes que tomamos nas mais diferentes áreas da vida (pessoal, profissional, cívica,...) e, assim, cumprimos, ao longo da nossa existência, a construção de uma identidade - da qual faz parte a afectividade - como um processo individual mas também social, porque se faz com os outros, com as demais instituições e organizações a que pertencemos.

Tudo o que decidimos decorre do que somos (o tal **SER**) e da afectividade que nos liga às causas e às pessoas nelas envolvidas. É assim, na Educação e na Política, também. A afectividade é um “*acto ético-político*”, porque é “*transformadora de questões psicossociais*,” [mas também] *promotora de compromisso social*”... (Sawaia, 2004). A afectividade e a política influenciam-se mutuamente e ambas são promotoras de compromisso social.

A Política deve construir-se com base nos compromissos, nos laços e na união entre as pessoas.

COMO APRENDEMOS...?

Recentemente, assisti a um seminário sobre o tema “Neurociências e Educação”, promovido pelo Conselho Nacional de Educação. O Prof. Alexandre Castro Caldas (Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa) falou-nos dos estudos iniciais sobre o cérebro, nomeadamente a investigação feita por Santiago Ramon y Cajal (Prémio Nobel da Medicina, com Camillo Golgi, em 1906), evidenciando a evolução do conhecimento nessa área, deste então, nomeadamente ao nível da plasticidade e funcionamento do nosso cérebro.

Diz-nos a ciência que há períodos sensíveis para que as coisas aconteçam: APRENDER é uma delas. Sabe-se, hoje, que um ambiente rico estimula aquela plasticidade cerebral, conforme experiências efectuadas com animais.

É conhecida a investigação feita pelo Prof. Castro Caldas e seus colaboradores em torno do cérebro dos indivíduos analfabetos. Um dos pontos que me chamou a atenção foi precisamente a aprendizagem das pessoas que não foram à escola e que se escolarizam mais tarde, em idade adulta. Uma realidade muito presente no Alentejo, até recentemente, pois é uma região onde continuamos a ter das mais altas taxas de analfabetismo (9,57%), ainda que, a nível nacional, essa taxa (5,23%) tenha descido, conforme consta dos últimos Censos de 2011, do Instituto Nacional de Estatística.

Um estudo sobre indivíduos escolarizados depois dos 50 anos e o impacto dessa escolarização sobre a *economia do cérebro*, veio demonstrar que, quem não se escolarizou em criança, gasta muito mais energia na activação dos processos de aprendizagem. Os indivíduos analfabetos desenvolvem bastante a memória visual, recorrendo a outros recursos diferentes dos indivíduos que se alfabetizaram quando crianças, pois “*o cérebro vê com outros recursos*”.

Recentemente, na Universidade de Évora (no Centro de Investigação em Educação e Psicologia – CIEP) foi feita uma investigação (financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia) no concelho de Alandroal, onde uma das fileiras da pesquisa foi precisamente a aprendizagem dos indivíduos analfabetos, especificamente em algumas localidades daquele concelho. Concluiu-se que “*o contexto territorial exerceu influência nos processos de*

*aprendizagem, pelo que se pode aferir que conduziu à edificação de **estilos locais de aprendizagem** por parte dos indivíduos analfabetos*” (Carvalho, 2013:31), aludindo-se a uma certa *“geometria das aprendizagens”*. Cada localidade é possuidora de um determinado contexto, uma determinada circunstância territorial e de um determinado *“microclima comunitário”* (Nico, 2004).

Assim, aprender é uma actividade fundamental da nossa vida, que estimula o nosso cérebro. Mas, para que possa ocorrer, é importante conhecer o funcionamento do cérebro e, também, as circunstâncias onde essa aprendizagem ocorre. Aprender a ler e a escrever em idade adulta, por exemplo, é uma tarefa que implica considerar as experiências, o contexto de vida e o território, sob pena de desconsiderarmos o extraordinário mundo de vivências construídas até ali e que serão sempre a base de um processo de aprendizagem, que é diferente, por mobilizar recursos internos (ligados ao funcionamento do cérebro, conforme nos dizem os investigadores das Neurociências) e recurso externos diferenciados (os pré-adquiridos experienciais e a comunidade).

Naquela tarde, procurou-se demonstrar o importante contributo que as Neurociências podem proporcionar às Ciências da Educação, nomeadamente ajudar-nos a conhecer como ocorre o processo de aprendizagem e que variáveis podem influenciar esse mesmo processo.

Um bom contributo do Conselho Nacional de Educação para a Educação...

Referências Bibliográficas

- CARVALHO, L. (2014). “Pelos Trilhos do Analfabetismo: Entre Juromenha e Ferreira de Capelins”. In Bravo Nico et al (Coord.). *Educações no Alentejo*. Mangualde: Edições Pedagogo e Universidade de Évora, pp.23-31.
- NICO, B. (2004). “O Pano: um Exemplo de Aprendizagem em contexto comunitário em Nossa Senhora de Machede”. In Bravo Nico et al (Orgs). *II Encontro Regional de Educação – Aprender no Alentejo*. Évora: Universidade de Évora. pp.47-54.

AS ESCOLAS FORA DA ESCOLA

A Rede Territorial Portuguesa das Cidades Educadoras (RTPCE), constituída por 52 municípios, entre os quais o de Évora, reuniu esta semana (7 Julho de 2014), em Odemira, aquando da realização do Encontro Nacional da RTPCE.

No Cine-Teatro Camacho Costa debateu-se a importância das diferentes redes de aprendizagem, o que, desde logo, implica reanalisar o perímetro conceptual em torno da Educação. Para além do modelo educativo formal, há outras redes de educação e de formação que convivem e estão presentes na vida das pessoas e dos territórios: **as escolas fora da escola** – conforme designamos no Grupo de Investigação do Centro de Investigação em Educação e Psicologia (CIEP) da Universidade de Évora *Políticas Educativas, Territórios e Instituições* – que, no seu conjunto, integram as redes não formais/informais de aprendizagem.

Nos fóruns de discussão da rede de cidades educadoras debateu-se, também, o papel da educação não formal, consubstanciado na construção de projectos educativos locais/municipais, nos quais devem estar presentes todas aquelas redes de aprendizagem (formais e não formais/informais). As políticas de educação locais têm de ser desenhadas atendendo à valorização do diálogo entre o património/culturas locais e o conhecimento mais académico/certificado e, também, à partilha dos saberes entre diferentes gerações.

A educação acompanha-nos ao longo da nossa vida e, durante essa trajectória, a educação não formal é, para muitas pessoas, a única forma de aprendizagem, em particular para quem não teve a oportunidade de estudar nos espaços formais. Aprende-se nas Bandas de Música, nos Grupos de Teatro, nas Associações de Desenvolvimento Local, nas Associações Juvenis, nos Grupos Desportivos,...

A discussão em torno da municipalização da educação implica considerar: (1) o extraordinário e rico mundo da educação não formal (pois daí advém a identidade de uma comunidade); (2) as especificidades de cada território; (3) a intergeracionalidade; (4) a patrimonialização dos saberes mais tradicionais, das culturas locais, da tradição oral e da educação de raiz mais popular e comunitária... A tal educação não formal que se deve conhecer para se poder divulgar e disponibilizar, a par da educação formal/escolar.

ZEUS

No passado fim-de-semana foram publicadas notícias e fotos de Zeus.

Zeus era o pai dos deuses na religião da Grécia Antiga, filho de Cronos e Reia e tido, na mitologia grega, como o Deus dos céus e do trovão, com poder sobre os fenómenos atmosféricos como a chuva ou as trovoadas. Nos últimos dias, Zeus tem estado, com certeza, com muito trabalho. Ainda esta semana houve, em vários sítios do país (e em Évora também, presenciámos) casos de inundações, como resultado deste tempo que é, efectivamente, um tempo fora de tempo...

Mas voltemos ao *Zeus* das notícias, a que me referia antes. Ele é, ou melhor era, o maior cão do mundo. Pertencia à raça de cães *Grand Danois* ou Dogue Alemão e, devido à sua altura, foi classificado, pelo *Guinness*, em 2012, como o cão mais alto do mundo.

De pé, Zeus conseguia comer em cima da bancada da cozinha e beber água da torneira do lava-louça, o que não seria de estranhar, para quem media 1,12 m de altura (com a 4 patas no chão), atingindo os 2,2m quando se colocava de pé, apoiado nas patas traseiras. Se qualquer um de nós o encontrasse pela rua, certamente, que a primeira reacção seria de medo e de ansiedade perante tal porte. Porém, conforme afirmaram os seus donos, Zeus era, afinal, um cão meigo, dócil e uma grande companhia.

Tenho uma cadela, a Kika (rafeiro alentejano) que, com apenas 4 meses, pesa quase 20 Kilos. Sobre a sua altura não sei, agora, precisar mas já não lhe conseguimos dar colo como antes e só tem 4 meses. Imaginar *Zeus* ao colo dos seus donos é quase impossível. Sabe-se, ainda, que Zeus comia uma saca de 15 quilos em duas semanas. A nossa Kika com 4 meses come 14 Kilos de ração num mês!... Se assim continuar, quando tiver os 5 anos do cão Zeus nem quero imaginar...a despesa... Ajuda-nos pensar que, agora, é assim – porque é pequena e está na fase de crescimento – mas depois mudará...

Quanto a *Zeus*, o maior cão do mundo, morreu com apenas cinco anos de idade e foi notícia pelo seu enorme porte.

Zeus partiu, talvez para o Olimpo que, na mitologia grega, era tido como a morada dos deuses, entre os quais o deus Zeus. É caso para dizer: Deus Zeus protege o *Zeus*! E espero que Deus nos proteja a todos nós, Kika incluída!

AMIGO DO AMIGO?

Há dias em que nos interrogamos pelo verdadeiro sentido da amizade. E essa amizade é posta à prova quando passamos por “testes” de resistência, que nos fazem repensar o valor dos valores e o lugar que eles assumem na nossa vida. A amizade é um deles.

A amizade sente-se nas palavras e, sobretudo, nos gestos. As palavras transmitimo-las rapidamente; os gestos fazem parte de uma tomada de decisão e implicam uma acção.

Decidimos, por isso, telefonar a um amigo quando sentimos que isso é importante para ambos; tomamos um café na esplanada para pôr a conversa em dia; enviamos um e-mail, a partilhar este ou aquele acontecimento; remetemos uma prenda pelo correio, porque conhecemos os gostos pessoais dos nossos amigos. Mas sobretudo, hoje, publicamos nas redes sociais as “nossas amizades”.

Uma pesquisa na Google diz-nos que a amizade provém do latim *amicus*; *é uma relação afectiva (...) é um relacionamento humano que envolve o conhecimento mútuo e a afeição...* (Definição Wikipédia). Podendo não ser de certeza a melhor definição de amizade, ela induz um sentido de escolha e de construção, embora seja também (e cada vez mais) sugerida... Veja-se o caso da rede social Facebook: o amigo A que sugeriu o B e este, o C, o C sugeriu o D, etc..e nós nem os(as) conhecemos. Não sabemos quem são, onde vivem, o que fazem..., ou seja, não há qualquer conhecimento mútuo e a tal “afeição” pode nem sequer existir... A amizade verdadeira une as pessoas não virtualmente mas presencialmente.

Só há pouco tempo é que me tornei «*amiga digital*» da minha melhor amiga, que eu conheço dos tempos do ensino secundário feito na antiga Escola C+S de Viana do Alentejo. Foi um acaso encontrá-la nas redes sociais. Até esse dia, não tivemos necessidade de o fazer, porque falávamos (e falamos) presencialmente. Fiquei a pensar neste episódio e de como a amizade não é a das redes sociais, mas a de antigamente...E aqui gosto muito de ser saudosista...

Mas, já agora, convém aproveitar estas novas oportunidades que a tecnologia nos proporciona e tentar encontrar outros amigos dos tempos de escola e que, entretanto, deixei de ver.

ATÉ SEMPRE, CAMARADA FILIPE BENJAMIM!

Era um senhor. Tinha um trato fino e uma conversa elegante, próprio das pessoas com saber e muita cultura. Dos seus 86 anos, teve uma vida rica de pessoas à sua volta e de histórias vividas, que tão bem sabia contar. Para os mais novos, como eu, muito do que nos contava não era sentido da mesma forma, porque nascemos noutra época. Mas era mesmo por isso que gostava de o escutar, com atenção, respeitando e valorizando as suas palavras. Aprendíamos sempre muito. Grandes lições de história aquelas. Gostava muito de política. Falava de política. Viveu os acontecimentos políticos mais significativos da sociedade portuguesa. Escreveu muito sobre a vida e a política. E tinha muito gosto em partilhar essas histórias com quem gostava de o escutar.

Tive o privilégio de privar com o Sr. Filipe Benjamim, sempre em contextos político-partidários, como aconteceu num jantar organizado pelo meu camarada Martinho Murteira (Secretário Coordenador da Secção de Évora do Partido Socialista) e que visou comemorar o 5 de Outubro de 1910, dia da Implantação da República.

Naquele domingo, 5 de Outubro de 2014, num restaurante, ao fim da Rua de Machede, em Évora, marcou-se o encontro. Combinou-se o jantar no *Combinado*. Formaram um grupo pequeno, aqueles que se quiseram/puderam juntar-se, jantaram e partilharam vivências. Uns mais que outros. O camarada Filipe Benjamim, acompanhado da sua esposa, foi escutado, por todos, com muita atenção. Explicou o sentido da Democracia e do que é ser Democrata. Parece simples de explicar...

Estava bem-disposto, entre amigos e camaradas. Comeu pouco, mas pareceu-me razoavelmente bem de saúde, salvo as *maleitas* próprias da idade, que todos vamos ganhando na vida. Elogiei, até, a sua extraordinária lucidez na descrição dos factos. O jantar terminou com o Hino de Portugal que Filipe Benjamim terá cantado ou escutado, muitas vezes, na sua vida. Talvez tenha sido a última vez que isso aconteceu.

É pena que não tenha deixado escritas as suas memórias. Os filhos dizem que nunca quis fazer isso, pois era muito teimoso (disseram-me), embora gostasse muito de escrever. Lembro-me de alguns escritos seus no Jornal Diário do Sul. Talvez a família possa recolher as memórias de

Filipe Benjamim, entre tantos papéis, escritos que, certamente, estarão guardados em sua casa. Foi um dos fundadores do PS em Évora. Lutou pela Liberdade e pela Democracia. Foi um democrata e manteve a utopia até ao último dia.

Como escreveu Fernando Sabino:

*“De tudo ficaram três coisas...
A certeza de que estamos começando...
A certeza de que é preciso continuar...
A certeza de que podemos ser interrompidos
antes de terminar...
Façamos da interrupção um caminho novo...
Da queda, um passo de dança...
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma ponte...
Da procura, um encontro!”*

Pela Liberdade e pela Democracia, o seu legado ficará para sempre, na história do Partido Socialista em Évora e no país e, principalmente, naqueles que, como eu, o conheceram e com ele aprenderam o significado do conceito de Liberdade.

Até sempre, camarada Filipe Benjamim!

“ESTÁ LÁ?...”

Sentados à mesa, com o calorzinho debaixo do pano da camilha, estavam o Tio Manel e a sua mulher a terminar o seu jantar. Era Sábado, à noite, e viam as notícias na televisão. Diz o Ti Manel: – Maria, olha vai começar a falar aquele senhor baixinho.

Respondeu a mulher: – Ó Manel muda lá o canal, que está quase a começar a minha novela... preciso de saber o que vai acontecer entre a Leonor e o pescador...

Manel não ligou ao pedido da sua esposa e escutou com atenção os comentários do Sr. Dr. Marques Mendes às perguntas da jornalista. No final, comentou:

– Maria vês, não deste atenção, mas o homem acabou, agora mesmo, de dizer que qualquer pessoa pode pegar no telefone e fazer um pedido de informação a qualquer chefe do Estado. [*Marques Mendes tinha acabado de se pronunciar acerca do pedido de informação que ele próprio fizera, por telefone, junto do responsável do Instituto dos Registos e do Notariado acerca de um processo de naturalização de umas pessoas de Moçambique*]

E continuou:

– Sabes o que vou fazer? Vou mas é telefonar, para alguns dos grandes, para saber se nos podem aumentar as pensões que, com tantos cortes e despesas, não sei se nos conseguimos aguentar em 2015...entre os gastos da casa, os medicamentos na farmácia e a ajuda que temos de dar ao nosso filho que está, infelizmente, desempregado, não sobra quase nada no final do mês...

Assim disse. Assim fez.

No dia seguinte, à mesma hora do jantar, voltaram a falar, mas o Ti Manel estava cabisbaixo e um pouco aborrecido. Entre uma garfada de arroz com carne, regado com um bom copo de tinto alentejano, o Ti Manel lá foi desabafando com a sua mulher. Contou que tinha telefonado ao Sr. Presidente da República, Cavaco Silva, ao Primeiro-ministro, Pedro Passos Coelho, e até ao “*tal sr. da lambreta que lhes paga as pensões...*” mas nenhum deles tinha atendido o telefone. Tentou várias vezes e pensou, até, que se tinha enganado nos números. Afinal, no dia anterior, tinha ouvido o Dr. Marques

Mendes dizer que qualquer pessoa podia fazer um pedido de informação por telefone. Mas ele não tinha conseguido...

A D. Maria para o confortar disse-lhe:

– Olha Manel, queres um conselho? Amanhã liga mas é ao Presidente da Junta que ele deve saber responder-te...

Assim foi. O Presidente da Junta atendeu o telefone, como sempre acontece, por conhecer cada um dos seus concidadãos. O autarca escutou, com muita atenção, o Ti Manel, manifestando-lhe a sua solidariedade e compreensão e, na despedida, disse-lhe:

– Olhe Ti Manel, os homens agora têm muito trabalho, nesta altura. Deixe isso pró ano!... Tenha umas Boas Festas e já sabe... quando precisar de alguma informação, é só ligar!

Ti Manel agradeceu ao Presidente da Junta e ficou a matutar. Na volta, ainda vai pedir ao Sr. Dr. Marques Mendes que veja se lhe consegue saber alguma coisa das pensões...

INOVAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO ALENTEJO

No Alentejo há projectos pioneiros, diferentes e inovadores, em matéria das novas tecnologias, não vivêssemos nós, num mundo digital. As crianças de hoje, nascem e crescem, no seio desse mundo tecnológico. Mas, recuemos um pouco atrás.

Há uns anos, Portugal apostou fortemente nas tecnologias de informação e comunicação (TIC) aplicadas à educação, permitindo que a comunidade educativa, recorrendo a elas, pudesse desenvolver as competências essenciais de literacia e tantas outras, no campo da matemática, ciência, comunicação, socialização, tecnologia e cidadania.

Governos anteriores souberam e tiveram visão, quando implementaram projectos inovadores na área da tecnologia nas escolas portuguesas. Lembro-me do Plano Tecnológico, através do qual crianças, jovens e adultos (estes no âmbito das Novas Oportunidades) puderam ter acesso a computadores, muitos deles(as) pela primeira vez. Quem não se recorda do Magalhães, aquele computador pequenino (azul) introduzido no 1.º Ciclo do Ensino Básico ou da iniciativa E-Oportunidades que possibilitou aos adultos inscritos nas Novas Oportunidades o acesso a computadores e internet?

Estes exemplos, como tantos outros, foram passos importantes que permitiram a aquisição de competências na área das TIC que são, hoje, quase tão importantes como saber ler e escrever. Chegámos a um patamar de desenvolvimento tecnológico reconhecido pelos organismos internacionais, que foi o resultado do bom trabalho que se realizou, nos últimos anos, nesta área (computadores, internet, quadros interactivos,...)

Há um ano atrás, nascia, no Alentejo, um projeto-piloto na área das tecnologias ao serviço do processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Actualmente, este projecto está a ser implementado no Agrupamento de Escolas de Cuba (alunos do 3.º ciclo do ensino básico - 7.º ano) e, também, no Agrupamento de Escolas de Vila Viçosa (alunos do 10.º ano do ensino secundário profissional). Em vez do uso do manual escolar tradicional em suporte papel, estes alunos passaram a usar o manual em suporte digital, procurando-se conhecer o(s) impacto(s) do uso da tecnologia, quando esta é integrada no sistema educativo.

Acredita-se que o recurso ao manual digital pode ser uma forma de diversificar mais as estratégias de ensino-aprendizagem na sala de aula, promover a motivação dos alunos para o estudo e, por consequência, a melhoria dos seus resultados escolares. É essa a percepção dos envolvidos (alunos, professores, promotores,...). A importância e o carácter inovador deste projecto já foram referência na área e na comunicação social.

Ficamos a aguardar pelos resultados do projecto (monitorizado e avaliado pela Universidade Católica Portuguesa), na certeza de que a equipa da DGEstE-Direcção de Serviços da Região Alentejo (ex- Direcção Regional de Educação do Alentejo) está de parabéns por ter idealizado e concretizado, em conjunto com aquelas duas escolas, este projecto.

É um dos muitos exemplos de inovação em educação no Alentejo.

JOÃO, CLÁUDIA E SALVADOR...

João Silva, Cláudia Santos e o pequeno Salvador Pimpão. *Que terão em comum as suas histórias de vida?*

No Jornal de Sábado à noite, num dos canais de televisão, passaram três notícias relativas a gentes que vivem, sonham e empreendem no Alentejo. Eram notícias positivas que relatavam a capacidade de cada um(a) conseguir concretizar um sonho, uma actividade profissional, uma nova oportunidade.

João Silva, de Faro do Alentejo (Cuba), decidiu criar o seu próprio negócio. Adaptou uma carinha, transformando-a num salão de cabeleireiro de homens (“Barbeiro da Vila”). Distribui o serviço de barbeiro ambulante por cerca de 15 localidades dos concelhos de Beja, passando pelas aldeias, onde verificou que faltavam serviços básicos, como um cabeleireiro. Quem vive num sítio pequeno, compreende a importância de um projecto desta natureza, pois evita deslocações a localidades próximas, o serviço é de proximidade, barato e, com ele, há, sempre, tempo para um dedo de conversa. O João Silva não é apenas um cabeleireiro. É um amigo, com quem os clientes, que procuram os seus serviços, conversam e desabafam. Semanalmente, em cada uma das localidades onde se desloca, lá estão os senhores, a fazer fila, à porta dos cafés, nos jardins, ... à espera que a carrinha do João estacione.

Cláudia Santos, há 10 anos, era uma jovem (ainda mais jovem do que é hoje) que, numa entrevista, dizia que queria ser instrutora de aeróbica e step. Fez formação na área da Educação Física, porque sempre gostou dessa área. A surdez não a impediu de lutar pelo seu sonho. Desde cedo que *“aprendeu a ouvir com o coração”*, conforme referido na peça jornalística. Hoje, continua a mesma jovem lutadora e quis o destino que, com o seu marido, viesse viver para Estremoz. Já é mãe e, na reportagem, aparecia junto dos seus colegas do Centro de Ciência Viva de Estremoz, onde estava a fazer um estágio profissional e onde os seus colegas têm aproveitado para, com ela, aprenderem a língua gestual. Que as oportunidades da Cláudia sejam sempre proporcionais às suas imensas capacidades de trabalho e de luta, apesar das dificuldades.

O pequeno **Salvador Pimpão**, filho de uma família Católica, é de Arraiolos, onde vive com a irmã e os seus pais. Tem apenas 6 anos, mas já sabe o que quer ser quando for grande: padre. Nutre uma admiração muito grande pelo Papa Francisco, a quem escreveu em Outubro passado e de quem recebeu, há dias, uma resposta. Salvador nem queria acreditar, assim como a sua família, atribuindo àquele gesto um enorme significado, de fé. O pequeno Salvador está feliz, assim como toda a sua família. Que seja sempre um lutador, ajudando os outros e tendo, sempre presente, a mensagem que o Papa lhe enviou.

João, Cláudia e Salvador. ***Que terão em comum as suas histórias de vida?*** Residem todos no Alentejo. Tinham (têm) um (entre vários) sonho(s). São lutadores, empreendedores e, cedo, manifestaram o gosto por uma área.

As suas histórias de vida contagiam-nos, pela mensagem positiva que trazem consigo e que as peças jornalísticas, de Sábado à noite, souberam transmitir a todos nós, espectadores.

Nos tempos que correm, tão bem que sabe conhecer estas histórias de vida...

DIÁRIO DO SUL, COM OS PÉS BEM ASSENTES NA TERRA!

O Diário do SUL nasceu em 1969, aqui, no Alentejo, a nossa terra. Foi um grande passo para uma família (Piçarra), uma obra enorme numa região esquecida (Alentejo) e um desafio grande num país (Portugal), pouco dado a pessoas com espírito empreendedor e livres e independentes no pensamento e na acção.

Desde essa data, o Diário do SUL tornou-se uma presença incontornável na vida diária dos alentejanos, uma voz sempre activa na defesa dos interesses do Alentejo e um exemplo de comunicação construído pela positiva, com base no respeito pelas pessoas e instituições e recusando o jornalismo de faca e alguidar.

Quarenta e seis anos depois, o Diário do SUL cresceu e a ele se juntaram a Rádio Telefonía do Alentejo, a Diário do SUL TV e os formatos digitais na Web e nas redes sociais. O jornal, esse, continua fiel à sua linha de sempre e está todos os dias de manhã, na caixa do correio de milhares de alentejanos, que continuam a sentir o cheiro da tinta e o prazer de passar, nos seus dedos, as folhas de papel que contam as notícias de todo o Alentejo.

A Nota do Dia chama-nos sempre à vida real. As notícias dos correspondentes falam-nos dos acontecimentos da aldeia ou da vila. Os textos de opinião acolhem, com liberdade, toda a geografia política e social. Sabe-se, sempre, onde ocorrerão os próximos bailes e festas, ao mesmo tempo que temos conhecimento daqueles que nos deixam para sempre. Um jornal de família: a nossa grande família eborense e alentejana.

Naquele ano de 1969, o americano Neil Armstrong foi o primeiro ser humano a pisar a Lua, num momento histórico a que o mundo inteiro assistiu. Quando colocou a sua bota no solo lunar, Armstrong terá dito *“Um pequeno passo para um homem, um salto gigantesco para a humanidade”*. Provavelmente, o Diário do SUL noticiou esse acontecimento nessa data.

O mundo mudou muito, desde então. Entre outras coisas, deixámos de ir à Lua. No entanto, por aqui, no nosso *planeta alentejano*, continuamos a receber o Diário do SUL todos os dias. Com os pés bem assentes na Terra!

Parabéns pelo 46º aniversário do jornal e votos de muitas felicidades para a família Piçarra, o Grupo Diário do Sul e todos os seus colaboradores.

* (com Bravo Nico)

APRENDER, SEMPRE!

O Memorando de Aprendizagem ao Longo da Vida – apresentado em 2000, na Cimeira de Lisboa – preconizava, entre outras, a ideia de que as pessoas não aprendem apenas em contextos formais, mas nos vários contextos que fazem parte das suas vidas (a família, os amigos, o trabalho, a escola, as associações,...). Os países europeus que assinaram esse Memorando assumiram a prioridade de implementação de políticas de educação e formação, para toda a população, independentemente da idade. Assim vinha acontecendo, um pouco por toda a Europa, desde a segunda metade da década de 90, classificando-se o ano de 1996 como o Ano Europeu da Educação ao Longo da Vida.

Em Portugal, tivemos, entre 2001 e 2011, um forte impulso à educação das pessoas adultas, com a criação da Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos (1999), um organismo público, que tinha, à sua responsabilidade, a missão de construir e implementar políticas públicas para a população adulta portuguesa, especificamente para os que apresentavam níveis de qualificação mais baixos, promovendo a aquisição e a certificação de competências, por via da criação de uma rede nacional de Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências, conforme preconizado por diversos organismos internacionais.

Após um período em que, em Portugal, se procedeu a uma reavaliação das políticas de Educação e Formação de Adultos, no contexto europeu continuou a aposta e, mais recentemente, têm vindo a ser criados instrumentos e dispositivos que valorizam a educação de adultos, assumindo-a como um instrumento reforço da cidadania e de igualdade de oportunidades de que são exemplo:

- (i) O ERASMUS + que é o novo programa da União Europeia entre 2014-2020 (que se seguiu ao Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida) para a educação, formação, juventude e desporto e onde, também, haverá lugar a algumas ações associadas à educação de adultos;
- (ii) A EPALE que é uma plataforma online onde educadores, investigadores e professores que trabalham numa organização/instituição onde se concretizem actividades de educação de adultos podem aceder para

divulgar aquilo que fazem nessa área e, simultaneamente, conhecer o que é feito por outras pessoas noutros países da Europa.

O ERASMUS + e a EPALE visam, assim ,promover o princípio de aprendizagem ao longo da vida que tem feito parte, sobretudo nas últimas 2 décadas, das prioridades da Comissão Europeia e de outros organismos como a Organização Mundial para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Em Portugal, o organismo que tem o papel de mediar a dinamização da EPALE é a Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional (ANQEP) que foi, também, o organismo responsável pela implementação da Agenda Europeia de Educação de Adultos em Portugal (2012-2014).

Por todo o país, estão a decorrer sessões de esclarecimento e de informação sobre o Programa ERASMUS e sobre a EPALE, incluindo-se, nesse roteiro, a cidade de Évora.

Esperemos que o Alentejo e Portugal apostem, firmemente, na qualificação da população adulta, na certeza que esse é um investimento fundamental para o nosso desenvolvimento cultural, social e económico.

LAMBRETA

O bom tempo, que se aproxima, convida-nos, a todos, a passeios pelo campo, pelo mar, pela planície, pela costa ou pelo interior. O que importa é o que fazemos do tempo. Há quem faça esses passeios a pé, ou de bicicleta a pedal porque, com isso, além de poupar combustível, alia ao lazer, a prática de exercício desportivo, que é, sem dúvida, um importante contributo para o bem-estar físico e psicológico de cada um(a).

Outros preferem os passeios devidamente motorizados. Nestes, há cada vez mais, pessoas a optar pela mota, como meio de transporte, não apenas em situações de lazer, mas também no quotidiano, percorrendo as distâncias entre a casa e o local de trabalho, o que é uma realidade, ainda, mais presente nas grandes cidades.

Um passeio de mota é uma forma de apreciar, de forma diferente, a natureza e a paisagem que nos envolve. Implica estarmos mais atentos ao que está à nossa volta, ter atenção à nossa e à condução dos outros, porque, em matéria de respeito pelos condutores de motas, há ainda, um longo caminho a percorrer.

Nos 17 Kms que faço entre o local onde resido e Évora, quando vou de mota (leia-se “lambreta”, ou mais modernamente, Moto Scooter, no caso 125cc), observo de tudo: os condutores pacientes que me ultrapassam, apenas quando é possível ultrapassar; os condutores impacientes, que ultrapassam onde podem e onde não podem; os condutores impacientes, que fazem o mesmo dos anteriores, mas ao que acresce um palavrão ou dois (entendíveis pelos gestos que os acompanham...), enquanto ultrapassam a mota que conduzo que, por norma, não circula a mais de 80/90 Kms/h...

Depois, à entrada de Évora, o cenário inverte-se: a pressa deu lugar a uma fila imensa de carros, onde só as motas têm a habilidade e a capacidade de ultrapassar, a uma velocidade entre 40 a 50 Kms/h...E, aí chegados, ultrapasso-os a todos...

Lembro-me de ouvir o meu pai, com muita frequência, dizer: “... *os que andam devagar chegam ao mesmo sítio dos outros...!*”

Bem verdade... e às vezes até primeiro! “*Sem falar dos eteceteras...*” que António Zambujo refere numa das suas mais recentes canções a que deu o título *Lambreta...*

NAUFRÁGIO

Devem chocar-nos, a todos(as), as notícias dos últimos dias acerca das centenas de pessoas que perderam a vida no mar Mediterrâneo, na tentativa de chegar à Europa.

Há uns anos atrás, se nos dissessem que isso aconteceria e que, nós, seríamos espectadores de acontecimentos desta natureza, não acreditaríamos.

Nem se sabe ao certo o número de pessoas que terão perdido a vida. A única certeza desta tragédia é a de que continuaremos a assistir a estas mortes. Cada um de nós, nas suas casas, quase sempre à hora do telejornal, que é o momento em que se reúne a família, à hora das refeições. Aquelas pessoas lutam por isso mesmo, para poderem ter o que comer, o que vestir e, no geral, para garantirem melhores condições de vida e de trabalho para si, para os seus filhos e respectiva família. Aquilo a que aspiram é ter uma mesa posta com comida e uma vida com paz.

A Europa e as instituições europeias precisam, não apenas de criar leis que melhorem o acolhimento de quem procura aqui viver e trabalhar, mas um quadro de apoio geral àqueles países, evitando os fenómenos migratórios em massa, de pessoas oriundas de países onde os níveis de desenvolvimento humano praticamente não existem. E onde, também, não têm, muitas vezes, democracias sólidas e estruturadas, que os protejam da exploração e da sub-condição humana em que nascem e vivem.

Antes de sermos Europeus ou Africanos, ou de outro continente qualquer, somos, acima de tudo, seres humanos a quem deveriam ser garantidos os direitos básicos de cidadania e as condições essenciais para uma vida digna.

Tudo o que assim não for, continua a ser exploração, igual àquela que havia no tempo em que haviam as senzalas e os escravos. Mas, agora, de outra maneira. Mas, na essência, o mesmo conceito e a mesma indignidade da escravatura.

A Europa, como sociedade mais civilizada e evoluída, política, económica e socialmente, tem o dever de fazer de maneira muito diferente e muito melhor do que tem feito até aqui...

Se assim não for, seremos todos náufragos, vítimas da indiferença, da indignidade, da miséria e da ausência de humanidade.

SMS

É curioso observar o modo como as pessoas se vão relacionando entre si, em função dos interesses momentâneos e, quase sempre, em função do que deve ser a melhor opção naquele momento (a isto os especialistas chamam de “*leitura política adequada*”).

Neste contexto, tenho três questões a que não consigo dar uma resposta clara:

1. Se uma pessoa se diz democrática, tolerante, aberta e respeitadora, como pode agir de forma contrária?
2. Se as políticas são para as pessoas, como se pode separar a parte pessoal (valores, o que somos, a comunidade a que pertencemos, o nosso passado,...) da parte política?
3. É possível aceitar que os valores que se defendem em discursos pomposos e para as multidões não sejam concordantes com os actos e decisões que se assumem em situações concretas?

As pessoas que desempenham cargos políticos, democraticamente eleitos, não deixam de ser elas próprias, como pessoas, no exercício dessas funções. Pelo contrário. É nesse momento, que podem e devem demonstrar, através das opções e decisões que tomam, quais são os valores que acreditam e praticam, porque os consideram mais correctos para promover a missão para a qual foram eleitos.

No entanto, temos assistido, nos últimos tempos, a situações e comportamentos que justificam o afastamento das pessoas da política e de qualquer assunto que a ela diga respeito.

Os partidos políticos têm-se afastado das pessoas, porque os políticos passam a maior parte do tempo envolvidos em “*não assuntos*”: saber se este mandou o sms para o outro; se aquele tem dívidas ou não; se comprou a casa ou não a comprou; se isto ou se aquilo...

Aproximam-se as eleições legislativas e, com isso, vão agudizar-se estas brigas, e disputas de bastidores, os verdadeiros “*não assuntos*”. Sendo que, **enquanto continuarmos a discutir os “*não assuntos*”, não discutiremos os verdadeiros assuntos que interessam à vida das pessoas.**

Por isso, o assunto é sério quando aparece alguém, de forma construtiva e sem ceder à maledicência, a explicar e demonstrar que sabe fazer diferente, melhor e, se possível, com menos custos e com provas dadas de que é capaz de fazer, mesmo, (muito) diferente. Alguém que nos diga como vai garantir, a todos: a Saúde, a Educação, a Solidariedade e, principalmente, a VERDADE e a RESPONSABILIDADE, que tanta falta fazem a quem tem por missão governar o nosso país.

Ninguém quer saber quem enviou sms ou quem se demitiu ou não por sms.

Caros políticos, deixem-se de “*não assuntos*” e façam política séria, a sério e com seriedade e verdade! O povo agradece!

O EXAME DE ACESSO À PROFISSÃO... DE POLÍTICO/A

Há, hoje, processos de recrutamento para a administração pública supervisionados pela CRESAP e muitos outros mecanismos de exame prévio no acesso a carreiras na função pública: provas e exames de todas as naturezas e feitios; análise curricular e entrevistas, em todo o lado; critérios cada vez mais apertados e, cada vez mais, pessoas que não superam estes exames todos. Assim sendo, porque não haver, também, mecanismos de selecção para quem queira exercer cargos políticos, nomeadamente ao mais alto nível do Estado? Para Ministros (incluindo o Primeiro), Secretários de Estado, Deputados, etc.

Neste processo de recrutamento para o exercício de cargos governativos, o candidato teria de demonstrar competências em diversos domínios: social e humano, científico e técnico/linguístico para o desempenho do cargo.

Nas competências sociais e humanas deverá ter sentido de responsabilidade e de solidariedade, de trabalho em equipa, de comunicação, de assertividade, *falar verdade*, de crítica construtiva do outro e de auto-crítica em caso de erro e de previsão falhada.

Cientificamente, não há áreas preferenciais, mais ou menos importantes. Há diferentes formações que constroem o perfil de saber e de conhecimento de cada um(a), enriquecido com as experiências e funções tidas ao longo da vida. **Aqui, devia comprometer-se a ouvir quem sabe dos assuntos acerca dos quais decide.**

Do ponto de vista técnico e linguístico, a exigência aumenta, pois o **requisito obrigatório deverá ser o domínio do Inglês falado e escrito, já que, quem governa, passa mais tempo a dialogar com as instituições internacionais e europeias do que com as nacionais.** Para esse efeito, ter-se-ia como critério de avaliação, o nível de proficiência do Inglês demonstrado, por exemplo, pelo actual ministro da finanças grego Yanis Varoufákis e/ou possuir o chamado certificado do Cambridge English (anunciado pelo actual Ministro da Educação e Ciência, o ano passado). **Quanto à Língua Portuguesa, deverá escrever e falar sem erros (um máximo de 2 erros em cada 100 palavras faladas ou escritas).**

Os futuros candidatos governantes seriam sujeitos a um processo de recrutamento, com duas fases: **a prova de conhecimentos (tipo exame)** e **a entrevista.** O processo podia ser assim:

Questão 1 da Prova de Conhecimentos: *“O casal Ribeiro vive numa aldeia do interior alentejano. O casal nunca teve férias, mas gostaria (e merecia) de concretizar esse sonho. Podia ser em Porto Covo, local onde sonham ir, há mais de 50 anos. Construíram a sua casa com muito esforço. Têm dois filhos e 3 netos. Actualmente, são os dois reformados e, em conjunto, não recebem mais de 450 euros mensais. Para as despesas da casa (água, luz, gás e telefone) vai um terço do rendimento; para a alimentação, vai outro terço; do restante que sobra, metade, desse valor, é para a farmácia.”*

- a) Com quanto dinheiro fica o casal Ribeiro no final do mês?
- b) Trace um plano de promoção de qualidade de vida para o casal Ribeiro, apontando medidas concretas que, na sua perspectiva, poderiam ajudar a melhorar a situação económica e financeira do casal, e dessa forma, aumentar a sua qualidade de vida e da respetiva família, garantindo a possibilidade de, no próximo mês de Agosto de 2016, poder visitar Porto Covo, durante dois dias, sendo que gastarão, em cada dia, o total de 100 euros”.

Questão 2 da Prova de Conhecimentos: *“O João e a Ana são um casal de jovens, ambos com 24 anos e que auferem um rendimento de 400 euros (ele, licenciado desempregado e ela com um contrato precário, pago a tempo parcial). Sabendo-se que, para casarem devem assegurar despesas fixas de 800 euros (renda + luz + água + telefone + gás + alimentação + transportes).*

- a) Estime qual o tempo necessário que devem esperar até dar o nó, com os actuais rendimentos?
- b) Em alternativa, indique medidas que possam ser tomadas, até 2019 (quando ambos tiverem 29/30 anos), que lhes permitam dar o nó antes de se reformarem.

As respostas seriam redigidas em português e em inglês, para os nossos parceiros da União Europeia conhecerem melhor a nossa realidade.

Quanto à **Entrevista**, esta seria realizada por experientados especialistas em política real (cidadãos sorteados nos cadernos de recenseamento), duraria 2 horas e seria constituída por 10 questões. Mas só passaria à fase da entrevista quem conseguisse acertar nas duas questões anteriores.

Resta referir que quem chumbasse nesta prova de acesso, não nos (des)governaria!

AI JESUS!

Fecha-se uma porta, abre-se uma nova janela! Lá diz o velho ditado! Que o diga Jorge Jesus, que fechou a porta, onde terminava o contrato que tinha assinado com o Benfica, e abriu-se – neste caso, não uma janela – mas um enorme portão!!

Jorge Jesus aproveitou a oportunidade porque, ao que parece, o Sporting é também o seu clube do coração, onde um dia ambicionava treinar. Mas não terá sido apenas isso que terá contribuído para a sua decisão profissional e pessoal pois, afinal, as contrapartidas financeiras também foram, significativamente, melhores. E é aqui que eu queria chegar ao escrever a crónica de hoje.

Não aprecio muito futebol. Costumo até dizer que o meu clube é Portugal. Porto, Sporting, Benfica são os 3 clubes mais importantes, da Primeira Liga, mas há muitos outros que também merecem reconhecimento, mas, infelizmente, não têm essa oportunidade como o têm de forma mediática, as equipas, jogadores e treinadores de clubes desta dimensão.

Mas tem de se dizer o que é justo: Jorge Jesus tem mérito, que provou, enquanto esteve ao serviço do Benfica (e não só), levando clube a alcançar, em 6 anos, 3 títulos de campeão e outras taças.

É normal que – havendo um clube que lhe apresentou melhores condições – tenha aceite o convite para liderar a equipa leonina nas próximas épocas. O que não me parece nada justo e razoável, num país como o nosso, é haver um treinador, seja de que clube for, ou até noutra área que não fosse o futebol, que possa auferir um salário que ronda 6 milhões de euros brutos por época (ou 500 mil euros por mês). Foi isto que mais me chocou, no meio de tantas notícias sobre a ida de Jorge Jesus para o Sporting. Chega até a ser chocante ouvir que uma pessoa vai auferir um salário dessa ordem de grandeza... atendendo à situação económica e social do país.

O talento e o mérito devem e têm de ser reconhecidos e e um desses incentivos é financeiro como sabemos, mas não podemos deixar de nos indignar pelo facto **deste trabalhador ir auferir, por mês, um salário que é 50 vezes superior ao salário do Presidente da República e 1000 vezes ao vencimento de uma pessoa que receba o salário mínimo!!**

Chega a ser, na minha opinião, quase imoral! E uma dúvida persiste na minha cabeça (e eventualmente, na de muitos portugueses): onde vão os clubes portugueses encontrar tanta disponibilidade financeira para pagar salários desta dimensão?

JOVENS COM (MUITO) VALOR!

Com a chegada do Verão, multiplicam-se festas, feiras, romarias, caminhadas, passeios em família, conversas na esplanada entre amigos. Até parece que temos mais tempo que nas restantes estações do ano, eventualmente, porque o bom tempo e os dias mais longos nos convidam a sair mais de casa. É o tempo dos arraiais, das festas populares, sobretudo nas aldeias e vilas, mas também nos bairros das cidades, onde inúmeras associações e instituições se mobilizam na organização de actividades para a comunidade. É, também, o tempo das Marchas Populares.

No caso particular das Marchas Populares, em cada ano, há que começar a preparar, com a devida antecedência, a coreografia, o desenho das roupas e dos acessórios, a escolha das músicas, a definição de todos os pormenores. Toda esta logística deve dar muito trabalho. Imagino que sim, quer sejam as conhecidas Marchas de Lisboa, quer as Marchas mais simples (mas igualmente bonitas e de reconhecido valor) das pequenas localidades.

Assisti, este ano, à apresentação da Marcha Popular 2015 da Associação Filarmónica “24 de Junho” de São Miguel de Machede, à qual se juntaram os marchantes de Vale do Pereiro. Lá estava o meu colega Hélio Salgueiro, que conheci na Universidade de Évora.

Quem quiser conhecer o trabalho das instituições micalenses, como o da Associação Filarmónica “24 Junho”, a Suão – Associação de Desenvolvimento Comunitário ou a Junta de Freguesia de São Miguel de Machede, pode fazê-lo na Feira de São João 2015 (no caso das Marchas, a atuação na Feira, foi ontem, dia 24 de Junho). No caso concreto do stand da Suão e tendo por base o tema da Feira deste ano (*500 anos do Palácio de D. Manuel*), criou-se o percurso de 5 micalenses pelos caminhos do mundo, dos muitos que estiveram emigrados, nos anos 60, do século passado, nas antigas colónias portuguesas: **Manuel Joaquim dos Santos** (Índia Portuguesa – Diu); **António Manuel Gavela Carrilho** (Guiné); **Joaquim António Gomes** Ramos (Angola), **Eduardo Aniceto Chatinho Ramalho** (Cabo Verde, Guiné e Timor), **Gregório Francisco Moreira Galiano** (Angola). **É um trabalho interessante que vale a pena ser visitado!**

Este trabalho realiza-se porque há um conjunto de pessoas se envolve na sua concretização, abrindo a participação à comunidade, desde os mais pequenos aos mais adultos e experientes. Todo este espírito de voluntariado e de amor à terra só é possível porque há quem nunca desista de assim continuar. É justo reconhecer-se o mérito e empenho que tiveram os jovens micalenses **Duarte Gato** (autor das Marchas há já 4 anos) e a **Patrícia Ramalho** e **Daniela Lopes** (que organizaram e montaram o stand da SUÃO). O Duarte, a Patrícia, a Daniela e muitos outros jovens e residentes da comunidade, com o seu trabalho, têm sabido preservar o património imaterial da sua terra, como a cultura, as lendas, as tradições, a música popular, a educação não formal.

São Miguel de Machede espera por si, na Feira de São João 2015, em Évora!

Fica aqui o convite para ver e valorizar o trabalho destes jovens da minha terra!

NAQUELA SALA GRANDE...

A expectativa de vivermos melhor está, sempre, presente nos projectos de vida. Fazem-se planos, definem-se metas e as estratégias para lá chegar. Pelo meio, encontram-se alguns obstáculos, com os quais nunca contamos. Os projectos, inicialmente definidos, podem ter que ser alterados e, em consequência disso, achamos sempre que perdemos alguma qualidade de vida. Pode assim acontecer por uma diversidade de razões: o emprego que se perde; um filho (ainda jovem) que partiu para outro país, deixando um misto de saudade e de revolta nos seus pais e família mais próxima; a saúde que deixou de existir, entre muitas outras circunstâncias.

Os hospitais são locais onde o sofrimento das pessoas, ainda que, muitas vezes, silencioso, é mais visível. Numa sala grande, pessoas de diferentes culturas, de diferentes pontos do país e também do mundo, cada um com a sua situação: a neta que empurra a cadeira de rodas da avó; o jovem que se agarra ao frasco do soro e de uma amálgama de medicamentos, para se conseguir aguentar de pé; os bombeiros que transportam os utentes; a médica que passa apressada, talvez para o início do próximo turno; o enfermeiro que trata e afaga a cabeça de um senhor idoso que está meio perdido naquela sala grande; a mulher que chega do enorme calor da rua; uma rapariga que olha para o fundo da sala e chama, pelo nome, a sua antiga colega de quarto; as senhoras que efectuam o atendimento; os técnicos que prestam os serviços; os voluntários que tão bem sabem receber com um, simples mas importante, sorriso e uma menina sentada, naquela sala grande, com cerca de 8 anos, que abraça uma senhora e lhe diz baixinho:

– “Mas eu gosto tanto de ti avó!”

Foi este o cenário que vi, há dias, naquela sala grande, num grande hospital público de Lisboa, um local que acolhe pessoas de todo o país e que bem pode ser o cenário de tantos outros hospitais. Ali, pelos tratamentos especializados que confere, é ainda mais visível a importância da humanização do serviço que é prestado, tal é a condição com que grande parte dos utentes ali chega.

Perante tanto sofrimento, como aquele que observo em algumas daquelas histórias de vida, resta a pergunta:

– *Perante vidas tão difíceis, o que podemos fazer?*

Talvez a resposta esteja num desabafo de alguém que, um dia, me disse:

– *“Por mais difícil que seja a vida, não desisto não!”*

E ela tem razão.

A isto, os especialistas chamam resiliência.

Para mim, significa simplesmente estar vivo e lutar por isso, cada dia que passa.

OS GUARDIÕES...

A realização de uma Cerimónia Educativa já faz parte do plano de atividades da Escola Comunitária de São Miguel de Machede. Assim aconteceu no passado fim-de-semana. O pequeno auditório da SUÃO-Associação de Desenvolvimento Comunitário acolheu, na tarde de Domingo, cerca de 50 pessoas, sendo a sua maioria “*alunos*” da escola comunitária, jovens e menos jovens.

Naquela sessão, deu-se conta do que se fez e do que se vai fazer, no âmbito da actividade de educação não formal, com destaque para a apresentação do Curso de Educação de Adultos (na sua 18.ª edição) e do Gabinete do Desenrascanço Estudantil, espaço semanal onde os jovens micaelenses têm a oportunidade de receber apoio escolar e orientação vocacional e que tem contribuído para a grande diminuição do insucesso e abandono escolares na freguesia.

Os jovens apresentaram o que tinham feito e o que se propõem fazer, em prol da sua comunidade. Nos meses das férias, os jovens contribuíram, com o seu trabalho, em diversos projectos de voluntariado e de tempos livres, como a participação no Circuito da Aldeia (itinerário de aprendizagem em contexto rural), a preparação de actividades para a comunidade (ex. cinema), a limpeza dos espaços da associação, etc...

Este é o contributo que os jovens têm dado à sua comunidade, retribuindo o apoio que recebem no, já referido, Gabinete do Desenrascanço Estudantil, ao longo do ano escolar. Este é um projecto em que jovens mais experientes ajudam os mais pequenos e inexperientes, em ambiente de aprendizagem cooperativa, onde os factores social e de co-responsabilidade são os pilares mais importantes. Todos ali estiveram porque se comprometeram, consigo próprios e com a escola comunitária, a estudarem, formalizando, isso, na assinatura de um contrato individual entre a escola e o jovem e sua família.

O Gabinete do Desenrascanço Estudantil é um dos projectos mais interessantes que conheço (envolve os jovens, as suas famílias, a comunidade e as escola formais que os primeiros frequentam). Os jovens que por lá passam ficam diferentes. Recebem uma experiência e deixam a sua marca. Essa experiência ajuda-os a construírem uma identidade que é única.

A Sofia, o Henrique, o Guilherme, a Vanessa, o Gonçalo, a Maria, a Carla, as Danielas, a Ana, a Telma, o Rui, a Patrícia, e muitos outros, são alguns dos jovens que participam nos projectos referidos.

Naquela dia, acolhemos, com muito agrado, mais um jovem da nossa terra: o jovem estudante do ensino secundário, Flávio Lino, que está a terminar o 12.º ano e, nesse âmbito realizará, na Suão, o trabalho para a Prova de Aptidão Profissional do curso que frequenta.

Os jovens simbolizam o futuro. Os mais velhos simbolizam a experiência e a vida. Todos são os verdadeiros *guardiões* (conforme dizia, naquela sessão, a jovem estudante universitária Sofia Pacheco) de uma identidade pessoal e comunitária, das memórias dos antepassados e das tradições que não se podem perder. Tudo isso é possível se dermos, a estes jovens, a oportunidade de se construírem, a partir dos seus sonhos e das experiências novas com os outros.

Em São Miguel de Machede, há jovens de muito valor que estão a conhecer e a dar valor às nossas gentes, à sua cultura local e à sua terra. Estamos, pois, em boas mãos. Os nossos jovens *guardiões* estão à altura de levarem a nossa terra para o futuro!

Boa sorte!

EM CONSCIÊNCIA

Nos últimos dias, tem sido notícia a prisão do músico e blogger luso-angolano Luaty Beirão, acusado de preparar um golpe de estado em Angola, juntamente com outros jovens colegas e amigos. Em Angola e a aguardar uma decisão do tribunal, encontra-se em greve de fome há mais de um mês, com consequências graves e quase irreversíveis, do ponto de vista físico e psicológico. Do Hospital Prisão São Paulo (em Angola) escreveu em 15 de Outubro de 2015, uma carta a que chamou “Declaração” informando que, caso perca a consciência, não pretende ficar numa situação de “existência vegetativa”.

Ora, serve este caso para me recordar do quão importante é a nossa capacidade de pensar e decidir, livremente, em todas as situações. Liberdade de pensar que, naturalmente, nos responsabiliza, também, pelo que fazemos e dizemos.

Se não decidirmos ou pensarmos por nós próprios, alguém o vai fazer por nós e, nesse caso, ficaremos sempre refugiados e dependentes das decisões do outro, sejam elas boas ou más, dependendo do critério de cada um. Luaty decidiu fazer greve de fome como protesto e afirmação das suas verdade e luta, mas sabendo as consequências dessa decisão, sabe também que é preciso antecipar o futuro. Não se sabe como acabará este impasse. Uma verdade é certa: Luaty pensa por si, tem ideais e não se verga perante o totalitarismo daqueles que incutem o pensamento único. Já há poucas pessoas assim e é por serem raras que se fala delas.

Além da música, tem também o gosto pela política e daí a sua consciência cívica, desde cedo. Numa entrevista que deu em Lisboa, em 2012, ao Maka Angola, contava a quem o entrevistava que “Comecei a interessar-me pela maneira como funcionavam as coisas. E na altura comuniquei ao meu pai que queria fazer ciências políticas e ele perguntou-me porquê. Eu disse que queria perceber o mundo. Ele disse-me: Se queres perceber o mundo então faz economia. Eu acatei e não me arrependo”.*

Esperemos que o mundo também compreenda Luaty e que a justiça angolana seja justa e humana com ele.

Sem o conhecer, desejo-lhe boa sorte.

* <http://paginaglobal.blogspot.pt/2012/07/angola-entrevista-com-luaty-beirao.html>

PALAVRAS... LEVA-AS O VENTO

A Língua Portuguesa é complexa, porque as palavras podem assumir vários significados, pronúncias e grafias. As palavras podem pronunciar-se da mesma maneira, mas são diferentes na forma como se escrevem e no seu significado. Diz-se que são **palavras homófonas**:

*Quem governa nem sempre **ouve** (o suficiente) as pessoas. Tempos **houve** em que quem era governado não era ouvido nem podia expressar-se. Convém, pois, que os políticos tenham bom ouvido, para poderem considerar as opiniões das pessoas nas decisões que tomam.*

Outras escrevem-se da mesma maneira mas o significado e a forma como se pronunciam são diferentes. Neste caso, são as **palavras homógrafas**:

*A Direita **duvida** do compromisso da Esquerda. Nestas circunstâncias, a Esquerda pede que não tenham **dúvida** de que, assim, o país avançará.*

Há outras palavras que se escrevem e pronunciam do mesmo modo mas têm significados diferentes. São as **palavras homónimas**:

*O parceiro do Jerónimo tinha o **fecho** do casaco estragado (e nem reparou nisso). Isso não impediu que Jerónimo comunicasse o **fecho** do acordo com os partidos da esquerda.*

Há, ainda, as palavras que se escrevem e pronunciam de forma semelhante mas que têm diferentes significados. Diz-se que são **palavras parónimas**. Vejamos o exemplo:

*Perante o Parlamento, os partidos da esquerda afirmaram que estão a dar **cumprimento** à vontade do povo, quando derrubam o governo..."*

*"A sala onde as esquerdas assinaram o acordo era pequena porque tinha apenas 6 metros de **comprimento** e não esteve lá presente a comunicação social.*

Estas são meras palavras, mas servem para dizer que a Língua Portuguesa é como a vida dos Partidos, neste momento: assume vários significados, pronúncias e grafias. É difícil de perceber. Uns preferem a palavra escrita

e outros nem por isso (porque dizem que a palavra dita vale tanto como a escrita). Uns estão de acordo e outros não, e aí é como o acordo ortográfico: todos já ouvimos falar dele, sabemos que o temos de aplicar mas a maioria ainda não percebeu porquê... Há muita coisa a precisar de um **concerto**....

Até lá, recomendo-vos o próximo **concerto** de um dos meus músicos favoritos, o Tiago Bettencourt, que nos diz cantando “*Eu não quero pagar por aquilo que eu não fiz (...)/Não me falem do fim/Se o caminho é mentir/Se quiseram entrar/Não souberam sair/Não fui eu quem falhou/Não fui eu quem cegou/Já não sabem sair(...)...*”

Daqui a uns dias veremos se o país ficou com **concerto** e se o **concerto** do Tiago foi bom...

VISITA DA IMAGEM PEREGRINA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA PELA VILA DE SÃO MIGUEL DE MACHEDE

A religião faz parte da evolução e da cultura humanas. Evoluímos quando somos capazes de aceitar diferentes formas e modos de viver essa dimensão da vida, quase sempre alimentada de crenças e de dogmas.

Fiquei a pensar nisto, naquele Sábado, dia 21 de Novembro de 2015, aquando da visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima pela vila de São Miguel de Machede.

Pensei que, naquela mesma hora em que a Nossa Senhora percorria as ruas da nossa vila, noutras partes deste nosso mundo, outras pessoas oravam aos seus deuses, com a mesma fé que os micaelenses veneravam a sua santa. Provavelmente, todos pediam, nas suas preces, os mesmos desejos: paz, alimento na mesa, um trabalho, saúde e felicidade nas suas vidas.

Num mundo em profunda transformação e inquietação sociais, a fé pode e deve ser um elemento agregador de vontades e das pessoas. Há muito tempo que não via a Praça da República da nossa terra tão cheia de gente que, ali, se reuniu para orar e agradecer a visita de Nossa Senhora de Fátima.

O Papa Francisco (actual chefe de Estado do Vaticano) tem sido um Papa perto das pessoas e do mundo; quando fala, fá-lo com o coração; toca nas pessoas; abraça-as; sente a sua dor e conforta-as, por gestos e palavras.

Que Deus o proteja sempre, para que ele, com a sua acção interventiva, junto de todos os povos, possa contribuir para amenizar guerras e lutas incompreensíveis à grande partes do mundo.

Que 2016 nos traga a todos, saúde e paz e que valores como a Felicidade e a Solidariedade não estejam presentes apenas no Natal, mas sempre.

“Apenas os que dialogam podem construir pontes e vínculos” (Papa Francisco)

OS MESTRES CHOCALHEIROS DE ALCÁÇOVAS

O chocalho foi considerado, no passado dia 1 de Dezembro, Património Cultural Imaterial com Necessidade de Salvaguarda Urgente, pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), como ocorreu com o Cante Alentejano, no ano de 2014.

A arte de fazer o chocalho deve ser preservada, pois já são poucos aqueles que a executam. Hoje em dia, estes ofícios tradicionais estão em extinção, pois os jovens preferem outras áreas profissionais, sendo poucos os que querem aprender a arte tradicional de fazer o chocalho, assim como outros ofícios desta natureza.

Em 2004, no *II Encontro Regional “Aprender no Alentejo”**, uma das comunicações apresentadas e publicadas – por Ana Rosa Nascimento, Maria Paula Fraga, Maria da Luz Santos e Virgínia Letras do Curso de Complementos de Formação Científica e Pedagógica da Universidade de Évora – foi uma pequena investigação sobre a aprendizagem dos chocalheiros das Alcáçovas. Para conhecer essa arte, foram entrevistados três profissionais envolvidos no fabrico dos chocalhos, que são um elemento presente na vida rural, embora hoje sejam, também, um elemento decorativo e turístico reconhecidos. O objectivo deste trabalho de investigação consistiu em recolher informação sobre a aprendizagem do ofício de chocalheiro.

Os três mestres chocalheiros entrevistados aprenderam com os pais e outros mestres, desde muito pequenos, num tempo em que “... *era tudo muito difícil, muito duro.*” A aprendizagem passava de geração em geração.

Hoje, os mestres chocalheiros são poucos, conforme referia um dos entrevistados: “*Olhe que eu tinha aqui dois rapazes novos e foram dois parentes meus e não quiseram, ...*”; “*É muito trabalhoso, é preciso muitas horas de trabalho... e daí a desistência.*”

Os mestres chocalheiros da freguesia de Alcáçovas – os actuais e todos os que os antecederam – mereceram este reconhecimento e o concelho de Viana do Alentejo e a freguesia de Alcáçovas estão de parabéns, bem como os seus responsáveis, Dr. Bengalinha Pinto e Dra. Sara Pajote, respectivamente. Também uma palavra de reconhecimento à Entidade Regional

de Turismo, na pessoa do Dr. Ceia da Silva, pelo empenho e trabalho que tem feito, em prol do turismo no Alentejo.

Da próxima vez que escutar os sons dos rebanhos, na calma planície alentejana, não se esqueça de que aqueles sons dos chocalhos foram apurados por gerações de mestres chocalheiros, ao longo de séculos. Este património já não pertence apenas à freguesia de Alcáçovas: é Património da Humanidade! Ainda bem.

***Ref. Bibliográfica:**

Nascimento, A. R., Fraga, M.P., Santos, M.L. & Letras, V. (2004). "A aprendizagem dos chocalheiros das Alcáçovas". in Bravo Nico et al (orgs.). *Actas do II Encontro Regional de Educação – Aprender no Alentejo*. Évora: Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora. pp. 361- 376.

ÉVORA TEM VIDA!!

Num destes sábados de Dezembro, decorreu, em Évora, o evento “*Évora Solidária – Cidade Viva*”. Como presenciei a iniciativa, tive a oportunidade de verificar o movimento, a alegria, a satisfação de quem circulava, como eu, por Évora.

Há muito tempo que não via a Praça do Giraldo assim: tanta vida, muita gente e animação: uns passeavam, outros conversavam, muitos compravam e alguns observavam. Entre a animação de rua, montras vivas, vendas nas ruas e nas lojas, fotografias com gente famosa da televisão e das artes e, também, várias actividades promovidas por instituições da cidade. As artes tradicionais e o cante alentejano também marcaram presença. O Alberto Pinho, um jovem de 23 anos de Évora (participante no programa Ídolos), também lá estava e “deu-nos a oportunidade de o escutar a cantar e a tocar música, de qualidade, que nos transmite energia e “*muito boa onda...*” (como comentava um jovem que estava mesmo ao meu lado...).

Évora pode ser uma Cidade Viva, se os vários responsáveis pela mesma tiverem uma atitude proactiva, conciliadora e mobilizadora das capacidades e dos recursos dos diversos parceiros. O Diário do Sul e *Por-o-Alentejo* demonstraram que isso é possível.

Esta, e muitas outras iniciativas, têm a marca da família Piçarra. O Alentejo e Évora devem muito, há muito tempo, à família Piçarra, pela sua capacidade empreendedora, resiliência que teve e tem, perante as adversidades e pela defesa empenhada que tem feito, das nossas terras e do nosso povo. É tempo de esta região e, em particular, esta cidade de Évora reconhecerem e agradecerem, formalmente, este contributo destas pessoas, das suas instituições e do seu trabalho. O Sr. Manuel Madeira Piçarra e os seus filhos, fundadores e inspiradores de toda esta obra e líderes e dinamizadores do projecto Diário do SUL, merecem um reconhecimento público. Eu deixo aqui o meu. Mas penso que as instituições que nos representam, como cidadãos e como povo, deviam assumir essa responsabilidade e fazer essa justiça. Porque é merecida e justa!

2016 JÁ CHEGOU!

Já estamos em 2016!
No ano novo, renovamos, aos nossos amigos e familiares, os votos de um Bom Ano.

No ano novo, desejo o que todos desejamos: saúde, amor, trabalho, amizade, felicidade e também (algum) dinheiro.

No novo ano, queremos que a vida nos dê a saúde necessária para podermos estar bem e com a energia suficiente para os desafios que aquela nos possa apresentar.

No novo ano, desejamos o bem e partilhamos os melhores momentos com aqueles de que mais gostamos e amamos, sejam familiares ou amigos.

No novo ano, esperamos manter o trabalho, sendo que, para quem o perdeu, o maior objectivo será encontrar uma nova oportunidade, que lhe garanta o sustento necessário a uma vida digna.

No novo ano, cuidaremos dos nossos amigos, a quem nos ligam laços de amizade e de companheirismo. Cada um à sua maneira, cada um com um lugar especial.

Tudo isto são “peças” que constroem a vida de cada um de nós e todas são importantes para se alcançar o Bem Maior: ser feliz.

Neste Ano Novo, 2016, parafraseando um grande Senhor do Teatro, o actor António Feio, **“aproveitem a vida e ajudem-se uns aos outros. Apreciem cada momento, agradeçam e não deixem nada por dizer, nada por fazer”** ou, como disse de forma sublime, o Raul Solnado **“façam o favor de ser felizes!”**

Bom Ano Novo a todas(os) as(os) Leitoras(es) do Diário do SUL.

MARGARIDA, “A PRESIDENTA”...

“**Jovem Autarca**” é um projecto do município de Santa Maria da Feira que visa promover a participação política, a cidadania, a consciência cívica e social e a responsabilidade dos jovens pelo bem comum, do colectivo, do território e da comunidade. Tive conhecimento deste projecto através da leitura das notícias. O título era sugestivo: “*Margarida, a mais nova Autarca do país,...*”

Margarida Sá é estudante do ensino secundário, de 15 anos de idade, mas tem, pela frente, neste ano lectivo, uma enorme responsabilidade (além de estudar), pois foi a vencedora das eleições para o exercício do cargo “*Jovem Autarca*”.

Ao assumir estas funções, a jovem Margarida terá de ouvir os jovens como ela. Para isso, foi-lhes disponibilizado um horário e espaço próprios na Câmara Municipal de Santa Maria da Feira. De 15 em 15 dias, lá estará, juntamente com a sua equipa, para ouvir e acolher as propostas de melhoria e desenvolvimento do concelho apresentadas jovens do concelho. Esse exercício político implicará identificar os principais problemas e as potencialidades existentes e a apresentação de um plano de acção com vista à concretização das propostas que melhor respondam às prioridades e necessidades do concelho.

A jovem autarca terá, ainda, ao seu dispor, um orçamento de 10.000 euros. Terá de saber gerir dinheiro mas, sobretudo, de saber ouvir os seus colegas! Saber ouvir as pessoas, conhecer a realidade, poder melhorar essa realidade, com a ajuda dos instrumentos já existentes e outros que possam vir a ser criados são requisitos fundamentais para todos os eleitos.

A jovem Margarida é um bom exemplo para os jovens do seu país. Um exemplo a seguir e esta autarquia, também, pelo carácter inovador que o projecto assinala.

Quando a jornalista lhe perguntou a opinião sobre o que era preciso para termos melhores políticos ela respondeu, e passo a citar (<http://www.publico.pt/>):

“Um facto que acho impensável é termos tanta corrupção no nosso país e um grande problema é estarmos tão cingidos aos partidos. Por vezes, um

partido pode apresentar uma medida importante, mas que outro partido não concorda por não ser uma ideia sua". "É muito importante termos vontade de querer saber e de não sermos um povo que simplesmente vai naquela. Devemos querer saber o que se passa no nosso país."

Acho que está no bom caminho...

Quem sabe se daqui a uns anos não lemos, por aí, um título assim: **Margarida, "A Presidenta..."**. A Margarida, aquela "jovem autarca" de Santa Maria da Feira poderá vir a ser, daqui a muitos anos, Ministra ou até Presidente da República. Vamos a ver se não se farta da política ou se os maus políticos não lhe *fazem a folha*, como se costuma dizer...

SERÁ ASSIM TÃO DIFÍCIL?

Alфabetização significava um processo formativo de ensino e aprendizagem tendo em vista a aquisição de conhecimentos e saberes essenciais na área da literacia e da numeracia. Havia, até, quem explicasse que esse processo permitia a cada pessoa “*aprender a ler, escrever e contar*”.

Hoje, somos confrontados com uma vida que convoca novas competências e, por isso, esses saberes já não são suficientes. Este processo de aprendizagem permanente é visível em diferentes áreas como as línguas, a comunicação e a relação com os outros, as tecnologias de informação e comunicação, a economia, etc.

Esta necessidade de as pessoas aprenderem sempre e em diferentes contextos, levou a que muitos países tomassem medidas e assumissem, como prioritária, a criação de programas de alfabetização/competências básicas.

Portugal deu alguns passos importantes nessa matéria, mas nunca se conseguiu instituir um programa duradouro, capaz de sobreviver às mudanças resultantes das diferentes opções políticas nesta matéria.

Em consequência disso, há, hoje, uma enorme distância entre a teoria (e o que se legislou, entretanto) e a prática, em matéria de literacia. Esse é um facto indesmentível, se pensarmos que Portugal, ainda, apresenta meio milhão de portugueses que não sabem ler nem escrever (*analfabetismo literal*), ou aqueles que tendo, aprendido a ler e a escrever, necessitam de uma reactualização dessas competências (*analfabetismo funcional*), de forma a poderem, no seu quotidiano, tirar pleno usufruto dessas capacidades, quando por exemplo, são confrontados com o preenchimento de um formulário de IRS, ou com os termos de um contrato a assinar, que são tarefas que implicam saber ler e compreender aquilo que está escrito.

Como dar resposta a tantas pessoas sem as condições básicas do ponto de vista da alfabetização, sendo que tais condições são (e sempre foram) fundamentais para o exercício de uma cidadania plena e de uma vida com dignidade?

Em Portugal, é reconhecido que ainda não houve vontade nem sensibilidade políticas para empreender um projecto sério e duradouro em matéria de literacia de adultos. E não é falta de dinheiro. É, sobretudo, falta de organização e de ambição, enquanto país.

O Plano Nacional de Alfabetização e Educação de Base de Adultos (conhecido pela sigla **PNAEBA, 1979**), cujo objectivo era erradicar o analfabetismo que grassava na sociedade portuguesa, parece continuar a fazer sentido, passados tantos anos. Ainda conseguiríamos – em articulação com as associações locais, as escolas e as instituições de ensino superior (por exemplo, através dos cursos de formação de professores) e com a disponibilidade de muitos professores já aposentados – de cumprir o **desígnio nacional de proporcionar a todos os portugueses a oportunidade de aprenderem a ler e a escrever.**

“A RÁDIO É COMO UMA JANELA”

O Dia Mundial da Rádio celebrou-se no passado dia 13 de Fevereiro.

Num dos canais de televisão, passou uma reportagem sobre a importância das rádios locais no combate à solidão em que muitos vivem, particularmente a população mais idosa, que vive em montes e lugares isolados.

A reportagem “*Minutos de Mim*” foi dedicada à rádio local de Castro Verde (93.0 FM) que, há vários anos, tem um programa chamado “*Património*” emitido todas as 5.ª feiras, entre as 21h e as 24h.

Enquanto o programa passa, as pessoas podem ligar e falar com o Sr. José Francisco (o locutor de serviço) que, ao atender, sabe identificar, imediatamente, cada um dos seus ouvintes. Conhece-os pela voz, pelas palavras, pelos risos, pelas cantorias e, também, pelos silêncios. Há quem queira cantar, falar ou declamar poesia (há os que os escrevem, para não se enganar, e os que, não sabendo escrever, os vão decorando).

Aquele programa – e tantos outros emitidos através de outras rádios locais espalhadas pelo Alentejo e pelo país – tem uma função social e educativa. O tal serviço público...

Socialmente, ajudam a combater o isolamento, a solidão, a doença e a saudade de tempos que já não voltam. E educam, porque, através da rádio, as pessoas podem aprender, mesmo não sabendo ler ou escrever, como acontece com muitos dos idosos, no Alentejo.

Algures, na peça se escuta, diz-se que “**a rádio é como uma janela**”, pois tal como a janela, quando se abre, podemos falar com alguém, sabemos que podemos falar e ser escutados.

Para quem viu a reportagem, fica, muitas vezes, a necessidade de saber porque é que alguns daqueles idosos continuam a querer viver naqueles lugares, onde parece faltar tudo e onde não há, por vezes, as condições mínimas de higiene e de segurança (pese embora o extraordinário trabalho dos militares da GNR que, com regularidade, por ali passam).

Na realidade, muitas daquelas pessoas, que não querem dali sair, porque desejam morrer no sítio que as viu nascer, não prescindem daquela janela do mundo que a rádio representa.

Na semana em que o Diário do SUL celebra o seu 47º aniversário, aproveito para endereçar os meus sinceros parabéns a todas/os quantas/os trabalham neste grupo de comunicação social (jornal, rádio, tv e redes sociais digitais) que são uma das grandes janelas do Alentejo.

REDE DE EDUCAÇÃO POPULAR NO ALENTEJO

Em Dezembro de 2009, nascia o projecto da Universidade Popular Túlio Espanca na Universidade de Évora (UPTE/UÉ). Em 2010, realizaram-se as primeiras actividades de educação popular destinadas a toda a comunidade.

A Universidade Popular Túlio Espanca é uma unidade científico-pedagógica da Universidade de Évora que tem, como objectivo, promover actividades de aprendizagem de natureza não formal, a todos os que tenham curiosidade e queiram aprender e aos que se queiram disponibilizar para que essa aprendizagem possa ocorrer.

Na Universidade de Évora, como em tantas outras instituições de ensino superior, há um potencial científico, cultural, académico, técnico e de recursos materiais (como os Laboratórios) e humanos que não pode ficar fechado entre os muros da academia. Pelo contrário, deve ser colocado ao serviço da comunidade, num serviço de extensão e serviço à comunidade.

Neste momento, esse serviço de extensão universitária e de socialização do conhecimento ocorre em Évora (onde a UPTE tem a sua sede) e em mais 4 Pólos da UPTE: Alandroal, Viana do Alentejo, Portel e, mais recentemente, no Bairro de Canaviais em Évora (pólo inaugurado no passado dia 12 de Março).

Em todos estes locais, existem parceiros que são fundamentais para o cumprimento da missão deste projecto, com relevância para o papel das autarquias locais e das instituições da sociedade civil. Há, ainda, um trabalho estreito com outras associações locais como é o caso da Suão/Escola Comunitária de São Miguel de Machede, já que muitos dos seus alunos são utentes assíduos de actividades da UPTE.

Felicitações a todos os envolvidos neste projecto, que assenta no voluntariado e na vontade de contribuir para a educação das pessoas nas suas próprias comunidades, através de aprendizagens plenas de história e culturas locais que todos devemos conhecer e valorizar.

A UPTE e a sua rede de pólos do Alentejo constitui-se, hoje, como uma rede de educação popular de matriz não formal e intergeracional, que deve ser promovida, a par da educação formal, porque ambas estão presentes ao longo da vida de cada um de nós.

A Universidade Popular Túlio Espanca, ao longo destes 7 anos de existência, já colocou mais de um milhar de alentejanos a participar em atividades de educação e tem contado, desde a sua fundação, com o exemplar apoio do Diário do SUL.

ROTA VICENTINA

A *Rota Vicentina* é uma rota de caminhos e lugares que pode ser percorrida a pé, de carro, mota ou bicicleta. A *Rota Vicentina* tem cerca de 400 Km distribuídos pelas costas alentejana e algarvia. Dos rios e ribeiras, ao cheiro da terra; o mar, os animais, os pescadores, os pastores, as lendas, o património, as pessoas e as festas; tudo é possível de encontrar e conhecer.

Muitos são os que, num momento de lazer, preferem percorrer esses caminhos a pé, auxiliando-se, para isso, de mapas e da sinalética colocada ao longo do caminho. Nestes últimos dias, pude observar essa magnífica moldura humana e ambiental, com centenas de pessoas a passear: turistas estrangeiros e famílias portuguesas que, aproveitando as mini-férias da Páscoa, ali se deslocaram para aproveitar o bom tempo e a excelente gastronomia local.

De uma autocaravana, faz-se uma casa e de uma rocha um pequeno abrigo do vento ou da chuva, quando estes se fazem sentir. A natureza é mãe, dando-nos tudo o que precisamos. É por isso que a devemos proteger e preservar, limpando o espaço que utilizamos, para que ele possa estar em condições de receber novos visitantes.

A *Rota Vicentina*, e todos os percursos que a integram, foram, no passado mês de Fevereiro, reconhecidos, através da atribuição de uma certificação de nível europeu denominada “*Leading Quality Rails – Best of Europe*” atribuída pela *European Ramblers Association*, a qual já certificou 12 Rotas na Europa.

Vale a pena conhecer alguns (dos muitos) sítios daquela *Rota Vicentina* como Porto Covo, Zambujeira do Mar, Azenha do Mar, Odeceixe, Aljezur, Monte Clérigo ou Arrifana. De todos os locais desta rota, a praia da Arrifana é o meu local preferido. De lá guardo boas memórias sendo, por muitos, considerada como uma das melhores praias para a prática do surf.

Ao longo desta rota, chegamos ao Cabo de São Vicente, na zona de Sagres e pensamos na coragem dos nossos antepassados, quando, no fim da terra, olhavam o imenso oceano e imaginavam que haveria um destino para lá do horizonte. Imaginavam-no e procuraram-no, numa das maiores epopeias da humanidade: os Descobrimentos.

BOUÇA-COVA

Bouça-Cova é uma freguesia do concelho de Pinhel, com pouco mais de cem habitantes (Censos de 2011). Tive a oportunidade de conhecer esta pequena freguesia, quando fui a um Congresso sobre Educação, promovido pela Câmara Municipal de Pinhel, no início deste mês.

Ao longo dos trabalhos, reparei que, na assistência, estava uma senhora já de muita idade, bastante atenta aos trabalhos. Durante o almoço, voltei a encontrar essa senhora. Com um ar ternurento e calmo, perguntou-me de onde era. Respondi-lhe que era de Évora e ela apresentou-se, logo, dizendo-me que tinha sido muitos anos autarca em Bouça-Cova. Prosseguiu, perguntando-me: *“Não viu a reportagem que passou há uns tempos na televisão? Era eu!”*

Vi que a senhora queria contar-me a sua história e, naturalmente, escutei-a com atenção.

Maria Alice Saraiva da Silva foi professora. Casou cedo, acompanhou o marido por terras das antigas colónias portuguesas e, quando pôde, regressou à terra que que a viu nasceu: Bouça-Cova. No ano em que regressou a Bouça-Cova (1985), Maria Alice Saraiva da Silva começou a exercer as funções de autarca.

Fez muita obra na sua terra e, através dela, melhorou as condições de vida dos residentes. Durante a conversa, falou, ainda, do seu papel na construção da Barragem de Bouça-Cova, inaugurada em 2011 (9 anos depois da sua construção, em 30 Abril de 2002).

O Povo de Bouça-Cova reconheceu-lhe a obra, a energia e o trabalho feito na localidade, quando, em 2008, ergueu uma estátua, com o busto de Maria Alice Saraiva da Silva, com a mensagem: *“Homenagem do Povo de Bouça-Cova à Sra. Prof.ª Maria Alice Saraiva da Silva pelo seu 22.º aniversário como Presidente da Junta de Freguesia”*.

Em 2013 (ano em que ocorreram as últimas eleições autárquicas), Maria Alice Silva estava no seu 7.º mandato como Presidente da Junta de Freguesia e já não se recandidatou, devido à lei que o impedia. Vontade não lhe faltava...

Actualmente, como consequência da reorganização administrativa territorial autárquica, existe a União de Freguesias de Alverca da Beira e Bouça-Cova.

Maria Alice Saraiva continua com uma energia de fazer inveja a qualquer um(a) de nós e com uma outra característica pouco frequente (infelizmente) nos nossos políticos: disponível para ouvir os outros e, com eles, aprender. Foi assim que, com os seus 93 anos de idade e 27 anos de exercício de funções, ali estava, para aprender...

PRESIDENTE DA REPÚBLICA EM AULA DE EDUCAÇÃO POPULAR NA UNIVERSIDADE DE ÉVORA

No passado dia 22 de Abril, o Sr. Presidente da República, Prof. Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, assistiu a uma aula de Educação Popular, na Universidade de Évora.

A sessão entendida como uma “janela curricular” é um **segmento do processo de aprendizagem e de avaliação dos estudantes** da unidade curricular de Educação de Adultos, da Licenciatura em Ciências da Educação da Universidade de Évora, que lecciono neste semestre.

Uma das componentes do processo de aprendizagem e de avaliação dos estudantes (2.º ano do curso) consiste num trabalho de natureza prática, que **complementa e enriquece os processos mais clássicos de aprendizagem e de avaliação, uma vez que os estudantes evidenciam, na realidade concreta, os conhecimentos e as competências adquiridas** e, dessa forma, proporcionam **oportunidades de aprendizagem à população da nossa região**, nomeadamente, aos alunos dos vários Pólos da Universidade Popular Túlio Espanca/Universidade de Évora (Alandroal, Viana do Alentejo, Portel, Canaviais/Évora e São Miguel de Machede). **É, portanto, uma aprendizagem com responsabilidade social.**

O exemplo da janela curricular que se realizou, no dia 22 de Abril, no Colégio do Espírito Santo, consistiu na organização de uma visita de estudo, cujo destino final será Badajoz. A escolha deste local como destino da actividade de aprendizagem, decorre do facto de ser a terra de origem de duas das estudantes, oriundas da Universidade da Extremadura, e que se encontram em mobilidade através do Programa ERASMUS, na Universidade de Évora.

Na preparação e na concretização da janela curricular estiveram envolvidos todos os estudantes do curso que frequentam a unidade curricular de Educação de Adultos.

Através destas janelas curriculares, os estudantes não só demonstram possuir os **conhecimentos e as competências académicas, como têm oportunidade de desenvolver outras competências**, hoje, muito valorizadas no mercado de trabalho (liderança, comunicação, responsabilidade, autonomia, trabalho em equipa, resolução de problemas, contacto com

outras línguas,...) e, também, competências de grande valor humano e axiológico, como a solidariedade, o respeito pelos conhecimentos não académicos (experencial) e a cooperação intergeracional.

Deste modo, uma “janela curricular” pode ser entendida como uma **oportunidade mais humanizada de concretizar a formação e a avaliação dos estudantes universitários.**

Aquele dia foi muito simbólico para todos, pois talvez tenha sido a primeira vez que um Presidente da República assistiu a uma aula de Educação Popular em Portugal.

***Nota:** A “janela curricular” aqui descrita integra-se no projecto “Janelas Curriculares de Educação Popular no Ensino Superior Universitário” - financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e promovido pela Universidade Popular Túlio Espanca e com o apoio do Grupo de Comunicação Social Diário do Sul e Rádio Telefonía do Alentejo, da Delta Cafés e da Escola Comunitária de São Miguel de Machede/SUÃO-Associação de Desenvolvimento Comunitário.*

“SÓ NESTE PAÍS...”

“*Só neste País*” é o título de uma série de reportagens emitida pela Antena 1, aos sábados, entre as 12h e as 13h. Aqui, são abordados temas da sociedade, como o envelhecimento, a solidariedade, a educação, a adoção, a rádio, a internet, o analfabetismo, entre tantos outros exemplos.

No programa de 27 de Fevereiro de 2016, foi emitida uma reportagem sobre a realidade do analfabetismo em Portugal, na qual a Suão – Escola Comunitária de São Miguel de Machede participou. Porém, irei destacar o último desses programas, emitido no passado sábado (dia 7 de Maio), a propósito do Dia da Europa (data que se comemoraria dois dias depois, em 9 de Maio), no qual se apresentaram casos/testemunhos de pessoas a viver em Portugal e outros espalhados pela Europa. Um desses casos foi o “*autarca-músico*”.

Eu liguei o rádio do carro, quando estava a ser emitida essa reportagem. Despertou-me a atenção o mote da canção que acompanhava a locução da jornalista “*Só neste país, há gente que faz e ninguém diz*” e o facto de o autor ser, precisamente, a pessoa que estava a ser entrevistada: Álvaro Amaro que, recentemente, lançou a canção “*Há um País*”.

Álvaro Amaro nasceu e cresceu no Pinhal Novo. Faz parte do Dialecto que é um grupo musical e, mais recentemente, decidiu criar um projecto a solo (*Amaro Máscaras*). A par da música, do associativismo e do desporto, já foi titular de vários cargos políticos: no Parlamento, como Presidente de Junta de Freguesia (durante 12 anos) e, actualmente, Presidente da Câmara Municipal de Palmela.

Tal como referia a jornalista, na peça: o *Álvaro do Dialecto*; o *Amaro a solo* e o *Álvaro Amaro na presidência da Câmara Municipal de Palmela* representam as várias facetas de uma mesma pessoa. Vale a pena escutar a canção “*Há um País*”, não só pela mensagem que transmite, como pela qualidade vocal de quem a canta.

A Antena 1 também está de parabéns pela qualidade destas reportagens e por dar voz e vez a muita gente deste país, porque, de facto, como diz o Álvaro Amaro há muita “*gente que faz e ninguém diz*.”

Este exemplo é, no entanto, raro, uma vez que e infelizmente, as rádios e as televisões, estão cheias de «*gente que diz e nunca fez...*».

OS SONHOS EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE... (PARTE I)

São Tomé e Príncipe é um país africano, constituído por ilhas que terão sido descobertas por navegadores portugueses, no século XV (João de Santarém e Pêro Escobar), e onde, desde cedo, se começou a produzir e a exportar o açúcar, o café e o cacau. Há muitos vestígios desse tempo, como as grandes plantações (conhecidas como roças) de cacau e de café ou a arquitectura portuguesa, do tempo colonial.

Estive, recentemente em São Tomé e Príncipe e recordarei, nesta crónica, partes desta minha experiência, neste fantástico país.

Uma das coisas que mais me chamou a atenção foi o elevado número de crianças e jovens, realidade comprovada pelos dados estatísticos que indicam que mais de 50% da população do país tem menos de 25 anos. Grande parte destas pessoas já está na escola, pois está a ser feito um esforço grande no sentido de garantir, pelo menos, a 6ª. classe, que é a escolaridade básica obrigatória, no sistema educativo santomense.

Durante a minha estadia em São Tomé (não conheci a ilha do Príncipe) visitei uma escola secundária, o Liceu Nacional, onde se formam alunos com o nível secundário. Nesta escola, há 7600 alunos! É um número que nos leva a colocar uma questão: “Como é que é possível gerir e dar aulas a turmas tão grandes?”. Em média, as turmas são constituídas por 90 alunos, o que obriga à existência de turnos (desdobramentos), em que uns estudam de manhã e outros de tarde, existindo, também os alunos do ensino nocturno.

Entrei numa sala, onde estava a decorrer uma aula de Ciências Naturais. Os alunos estavam apertados, o espaço era exíguo, mas a vontade de aprender enorme! O que mais me marcou foi ver a felicidade no rosto de cada um(a) daqueles(as) jovens e a atitude e respeito pelo espaço da escola e pelo professor.

Apesar dos problemas a nível do espaço físico, dos recursos materiais, na formação de professores e na constituição das turmas, há um esforço muito grande para que os jovens estejam na escola a aprender e, através dessa aprendizagem, possam dar, um dia, um contributo para o desenvolvimento do seu país. Na realidade, as salas de aula daquele Liceu não tinham quadros interactivos, nem computadores ou outras tecnologias frequentes, por cá. Mas tinham, lá dentro, muito respeito e muita vontade de aprender.

Nós, que temos as tais salas com quadros interactivos (e algumas até com poucos ou nenhuns alunos) e todas as condições necessárias, andamos muitas vezes à procura da vontade de aprender e lamentamos a falta de respeito nas escolas. Que diferença...

Os santomenses são pessoas que eu gostei de conhecer, pois são gente com muitos sonhos e projectos. A presença de várias organizações não governamentais, IPSS, instituições públicas do próprio estado português (o caso da Universidade de Évora e do Centro Cultural Português), têm tido um contributo importante na melhoria das condições de vida do povo santomense e no benefício do país, a nível educativo, social, económico e cultural.

Mas, o futuro de São Tomé e Príncipe estará mais nos sonhos daqueles jovens e na sua capacidade de lutar por eles. Lá, como cá, o que mais vai contar será a capacidade de lutar pelos nossos sonhos.

CULTURA SANTOMENSE (PARTE II)

No texto anterior, escrevi acerca da educação santomense. Neste, irei abordar alguns aspetos da cultura santomense que é, na minha opinião, bastante diferente da cultura ocidental:

1. O Tchiloli é uma forma de arte africana, assumida como uma forma de teatro popular. Enquanto manifestação cultural, ela associa teatro, movimento, música, dança e aparece, nos primeiros registos conhecidos, no século XVI. Não tive oportunidade de assistir a um desses espectáculos, mas, se isso tivesse acontecido, teria de dispensar algum tempo, pois cada espectáculo tem a duração de cerca de seis horas, sendo apresentado ao ar livre, nas ruas, durante um período do ano, que designam de *gravana* (estação seca). Por analogia, lembrei-me de uma outra forma de teatro popular brasileira (muito difundida nas décadas de 60 e 70 do século passado) que é o **Teatro do Oprimido**, uma forma de manifestação e expressão, permitindo, por via do diálogo, um processo de *conscientização* individual e social. O carácter educador destas duas formas de arte popular (a africana e a brasileira) está bastante enraizado num ideal de educação denominado de freireano, segundo o qual a educação deveria ser um instrumento de autonomia, que proporcionasse, às pessoas, a capacidade de pensar e reflectir sobre o que as rodeia. Paulo Freire (o ‘pai’ do Teatro do Oprimido) também andou por terras de São Tomé e Príncipe a educar e a formar pessoas. Quem sabe se não foi ali que bebeu a inspiração para o Teatro do Oprimido...

2. Nos intervalos dos programas televisivos aparecia, com frequência, informação acerca de publicações recentes. Uma delas, a obra **“Santomecidade e Texto”**, da autoria de Carlos Espírito Santo. Fiquei com curiosidade em saber mais sobre este autor. Nasceu em 1952, na ilha de São Tomé, e formou-se e trabalhou em Portugal (Doutorado em Línguas e Literaturas Modernas, pela Universidade do Porto). Por cá, também deveríamos ter uma televisão pública que apostasse na divulgação de livros, nomeadamente, dos que são fruto de investigação científica e académica, através dos quais o conhecimento produzido fosse divulgado e dado a conhecer. Lembro-me dos tempos em que havia os momentos

informativos da Universidade Aberta, na RTP2, que muito serviam para divulgar a actividade académica e cultural daquela instituição.

3. A forma descontraída de viver, evidenciada no trato, na forma simples de vestir e de estar, contrasta, de forma significativa, com a nossa forma de estar ocidental, mais formal. Isso foi um aspecto que notei nas ruas e por onde passei, o que não quer dizer que não haja um cuidado, especialmente, quando se trata de eventos e cerimónias. Pude observar esse facto, em dois eventos em que participei, de natureza religiosa ou cultural: uma missa numa Igreja onde estavam mais de 300 pessoas, na sua maioria crianças e jovens; uma sessão de apresentação de livro infantil *“Onde está a minha mãe?”* do escritor português António Mota, ocorrida no Centro Cultural Português em São Tomé.

4. Não sei se voltarei a São Tomé e Príncipe, mas sei que, de lá, trouxe uma experiência que jamais irei esquecer. Os portugueses que por lá andaram participaram na construção de uma cultura que, apesar de diferente, tem fortes elos de ligação com a cultura portuguesa: os elos dos afectos que são e serão sempre os mais importantes. Talvez tenha sido, por isso, que me senti muito bem e afectuosamente acolhida pelas gentes santomenses e por portugueses que lá vivem.







